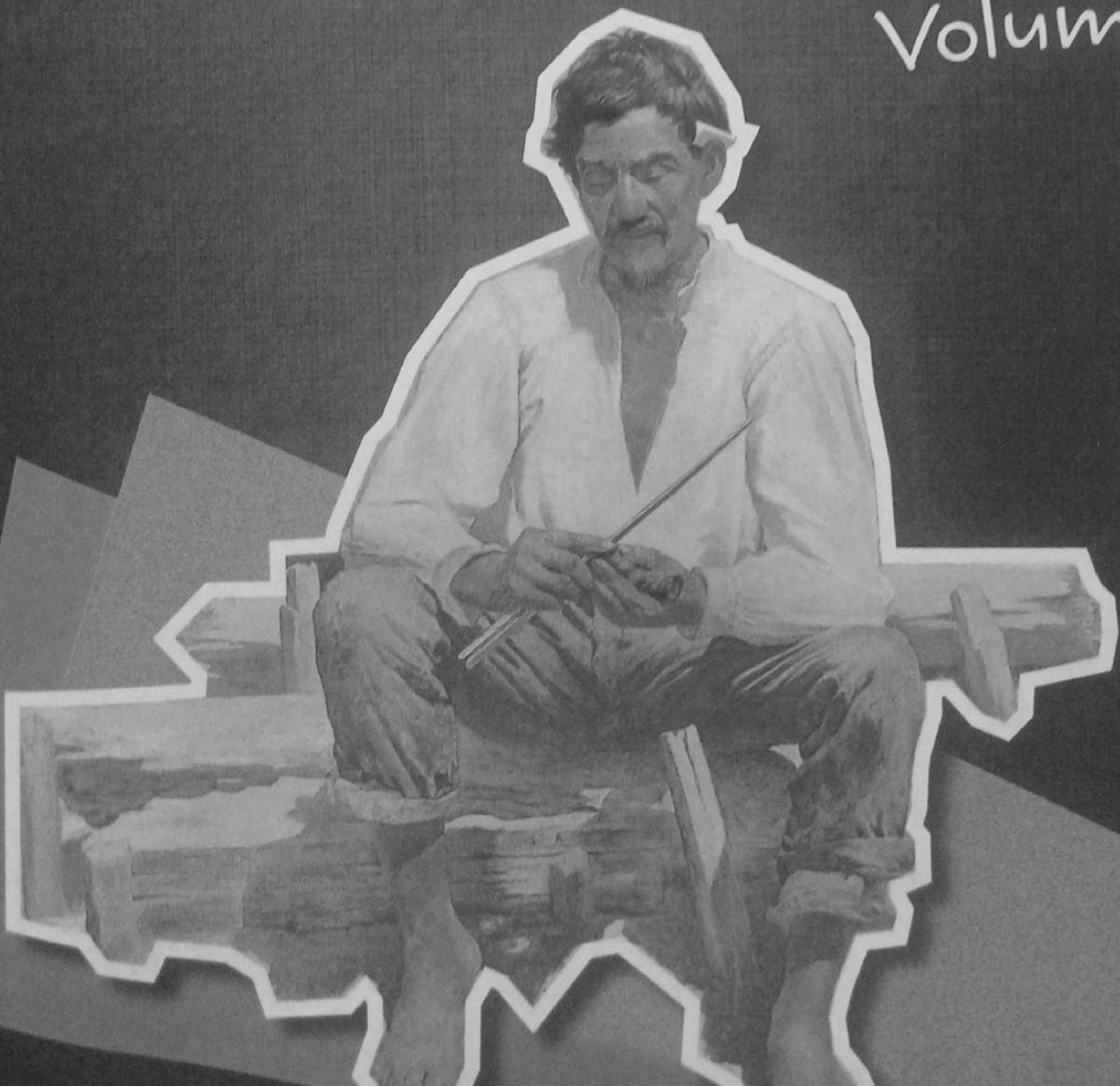


Literatura

Volume 9



Sumário

Acesse o livro digital e
conheça os objetos digitais
e slides deste volume.

17 Pré-Modernismo 4

Contexto social da República Velha	8
Pré-Modernismo e a investigação da realidade brasileira	9
Pré-Modernismo: prosa e poesia	12
▪ Euclides da Cunha	12
▪ Monteiro Lobato	13
▪ Lima Barreto	14
▪ Augusto dos Anjos	15

18 Vanguardas europeias 36

Contexto europeu e surgimento das vanguardas	38
Vanguardas e seus manifestos	39
▪ Futurismo	39
▪ Cubismo	40
▪ Expressionismo	40
▪ Dadaísmo	41
▪ Surrealismo	42
Modernismo português	44
▪ Fernando Pessoa	44
Semana de Arte Moderna	49
▪ A Semana propriamente dita	49

17

Pré-Modernismo

©Wikimedia Commons/Mabscolto



■ No Brasil, a partir da segunda metade do século XIX, a reflexão sobre vários problemas sociais passou a fazer parte da representação artística e literária.



Ponto de partida

1. Quais elementos compõem a imagem?
2. Essa fotografia retrata um problema social. O que indica isso?
3. Partindo do contexto em que a fotografia foi tirada (urbano), como você interpreta o fato de o homem estar arrastando o colchão pela rua da cidade?
4. Nessa mesma imagem, vemos a parte inferior do corpo de uma pessoa que caminha sobre uma parte do colchamento que parece com uma linha reta. Como isso pode ser interpretado? Justifique sua resposta.

Objetivos da unidade:

- retomar os conceitos históricos, sociais, econômicos e políticos que configuraram a Primeira República no Brasil, de sua origem até a primeira década do século XX;
- conhecer as manifestações da produção literária em verso ocorridas entre o Parnasianismo/Symbolismo e as primeiras manifestações da arte modernista;
- conhecer as manifestações da produção literária em prosa ocorridas entre o Realismo/Naturalismo e as primeiras manifestações da arte modernista;
- conhecer os principais escritores brasileiros cujas obras pertencem ao Pré-Modernismo.

Lendo a literatura



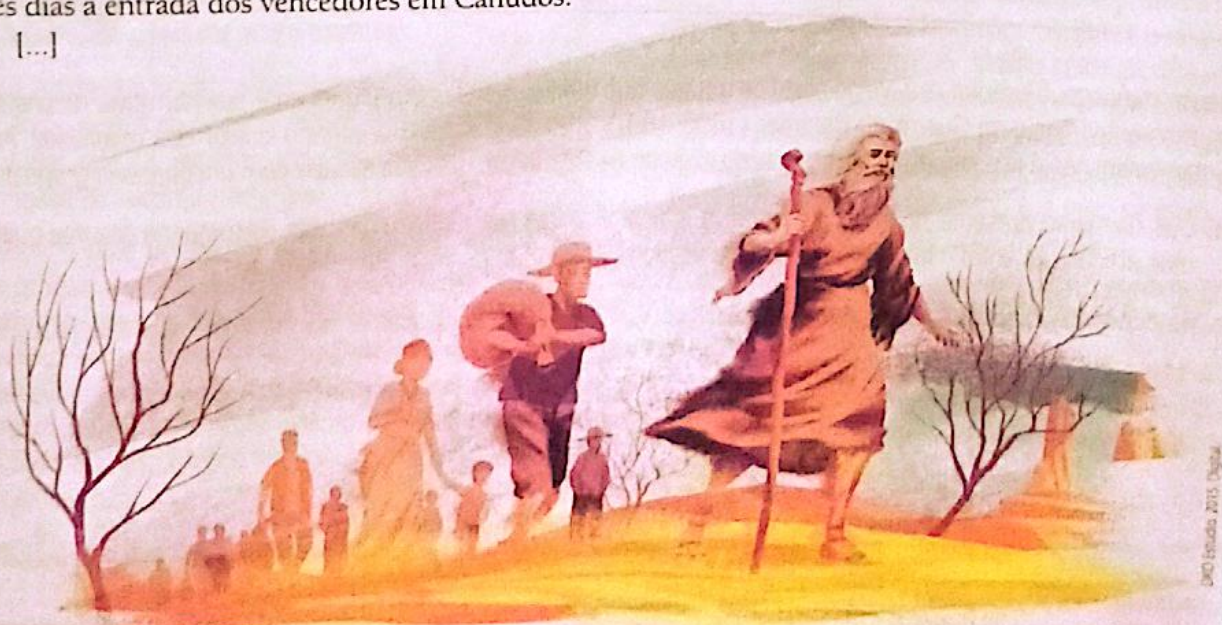
Leia um trecho do romance *A cascata da serpente*, de J. J. Veiga, publicado em 1989. O enredo tem início com a fuga de Antônio Conselheiro e alguns jagunços da Guerra de Canudos (1886 e 1887), conflito armado entre as forças da República e um grupo pertencente a um movimento de cunho político e religioso liderado por Conselheiro que havia se estabelecido no interior da Bahia.

[...]

Quando deixaram Canudos no fim da tarde de 2 de outubro, eles não sabiam para onde ir. A preocupação imediata era não deixar que o Conselheiro fosse apanhado pelos federais, nem morto. Todos no arraial sabiam o que eles faziam com os guerreiros que capturavam, e nesse particular os jagunços respondiam no mesmo tom. Era a lei da guerra no sertão, aquele mundo onde se diz que o filho chora e a mãe não ouve, onde o diabo ri e deus não **ralha**, onde tudo pode acontecer, e mesmo assim é bonito.

Pelos cálculos, os oitenta a noventa guerreiros que tinham decidido ficar poderiam embarçar a entrada dos federais durante todo o dia seguinte, não sendo de esperar nenhum ataque maior antes do amanhecer; de sorte que os retirantes teriam uma noite, um dia e mais uma noite de marcha, tempo suficiente para distanciá-los bastante dos soldados, caso a armadilha do cadáver falhasse. Mas o que os retirantes não sabiam, nem imaginavam, era que os guerreiros que ficaram ainda iam retardar por mais três dias a entrada dos vencedores em Canudos.

[...]



ralha: zanga-se, dá bronca.

Objetivos da unidade:

- retomar os conceitos históricos, sociais, econômicos e políticos que configuraram a Primeira República no Brasil, de sua origem até a primeira década do século XX;
- conhecer as manifestações da produção literária em verso ocorridas entre o Parnasianismo/Simbolismo e as primeiras manifestações da arte modernista;
- conhecer as manifestações da produção literária em prosa ocorridas entre o Realismo/Naturalismo e as primeiras manifestações da arte modernista;
- conhecer os principais escritores brasileiros cujas obras pertencem ao Pré-Modernismo.

Lendo a literatura



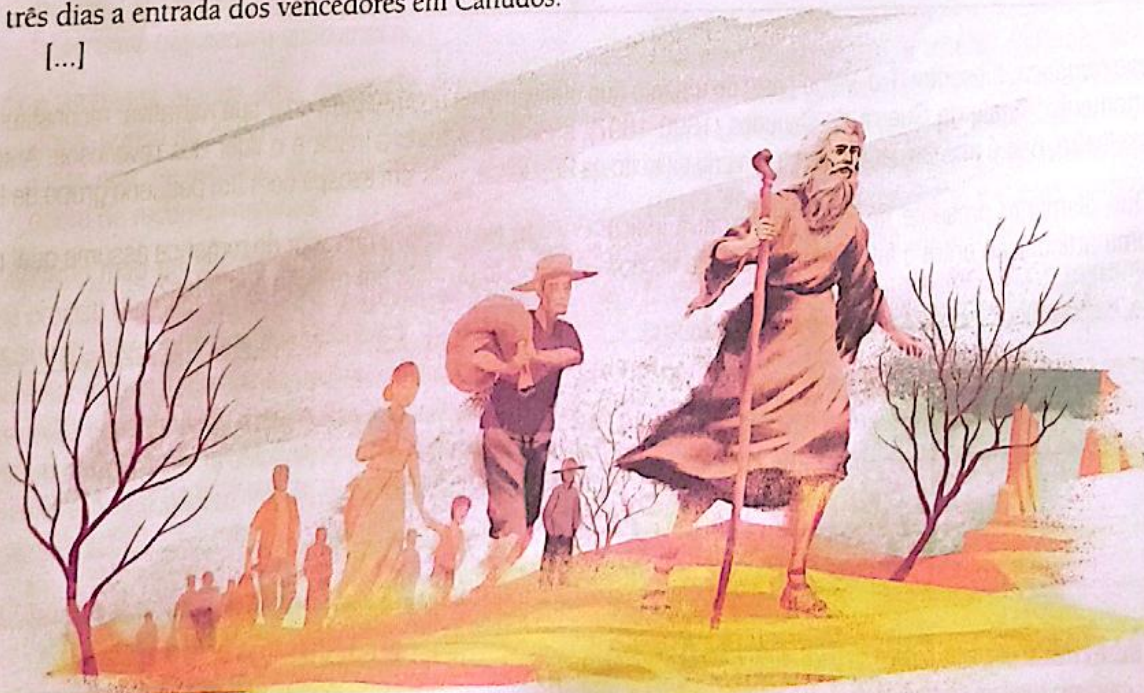
Leia um trecho do romance *A casca da serpente*, de J. J. Veiga, publicado em 1989. O enredo tem início com a fuga de Antônio Conselheiro e alguns jagunços da Guerra de Canudos (1886 e 1887), conflito armado entre as forças da República e um grupo pertencente a um movimento de cunho político e religioso liderado por Conselheiro que havia se estabelecido no interior da Bahia.

[...]

Quando deixaram Canudos no fim da tarde de 2 de outubro, eles não sabiam para onde ir. A preocupação imediata era não deixar que o Conselheiro fosse apanhado pelos federais, nem morto. Todos no arraial sabiam o que eles faziam com os guerreiros que capturavam, e nesse particular os jagunços respondiam no mesmo tom. Era a lei da guerra no sertão, aquele mundo onde se diz que o filho chora e a mãe não ouve, onde o diabo ri e deus não **ralha**, onde tudo pode acontecer, e mesmo assim é bonito.

Pelos cálculos, os oitenta a noventa guerreiros que tinham decidido ficar poderiam embarçar a entrada dos federais durante todo o dia seguinte, não sendo de esperar nenhum ataque maior antes do amanhecer; de sorte que os retirantes teriam uma noite, um dia e mais uma noite de marcha, tempo suficiente para distanciá-los bastante dos soldados, caso a armadilha do cadáver falhasse. Mas o que os retirantes não sabiam, nem imaginavam, era que os guerreiros que ficaram ainda iam retardar por mais três dias a entrada dos vencedores em Canudos.

[...]



DKO Estúdio. 2015. Digital.

ralha: zanga-se; dá bronca.

No segundo dia alcançaram o alto da serra ainda cedo, no começo da tarde, e depois de breve descanso trataram de organizar o acampamento. Água não era mais problema, na subida tinham passado por uma pedra que escorria água por várias fendas, a água fazendo uma *cacimbazinha* no chão, que até deu para cada um completar ou encher a sua cabaça e beber o que achava que podia aguentar no bucho subindo ladeira. Quando precisassem se reabastecer, duas pessoas poderiam descer até ali, encher todas as cabaças e voltar ao acampamento em uma hora ou menos. Caça não faltaria, desde que se conformassem a só comer tatu, que corriam e coriscavam por todos os lados. Abrindo mão do sal, da rapadura e do café, e se fosse preciso também do fumo, que afinal não é nenhum sustento, dizem até que tira sustento, um bando de homens *sacudidos* poderia viver muito tempo na Canabrava.

[...]

Os primeiros dias foram cheios de nós e desencontros, agravados pela falta de notícias do mundo, isto é, de Canudos. Que teria acontecido aos guerreiros que teimaram em ficar? Como estaria o Beatinho, se é que estava de algum jeito outro que não degolado?

— Não pensemos mais no Beatinho como gente viva — disse o Conselheiro quando soube dessa preocupação do bando — Ele se sacrificou por nós, e está em bom lugar. Não precisa do nosso choro. Mais tarde vamos fazer uma homenagem a ele.

Vendo que essas palavras não desmancharam as preocupações dos homens, o Conselheiro prometeu que em época oportuna autorizaria a ida de olheiros ao arraial. Por enquanto era perigoso.

— Ademais, meus filhos, temos muito que fazer na arrumação da casa que guardamos dentro de nós. Para que o lado de fora fique formoso, é preciso arrumar primeiro o lado de dentro.

Ninguém entendeu como podiam limpar o lado de dentro de uma casa que ainda não existia.

[...]

Estudo



VEIGA, J. J. *A casca da serpente*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. p. 13, 24 e 25.

J. J. Veiga nasceu em Corumbá de Goiás, no estado de Goiás, em 1915. É considerado um dos mais importantes escritores brasileiros do gênero conhecido como realismo fantástico, no qual aspectos insólitos mesclados à narrativa fazem parte do mundo dos personagens como se fossem acontecimentos normais. Morreu em 1999.



1. Nesse romance, o escritor J. J. Veiga parte de um fato que efetivamente ocorreu para criar sua narrativa: reconstituindo os momentos finais da Guerra de Canudos (1896-1897), a História é transformada e o líder dos revoltosos, Antônio Conselheiro, não é assassinado pelas tropas do exército da República, mas sim escapa com um pequeno grupo de fiéis.

a) Que elemento presente no início da narrativa indica uma articulação entre o fato histórico real e a ficção?

A referência ao dia 2 de Outubro

b) No trecho, o narrador do romance assume qual ponto de vista em relação aos fatos?

o povo.

cacimbazinha: pequeno buraco ou poço em que se concentra água.
coriscavam: surgiam de repente.

sacudidos: fortes e desenvolto.

→ palavra

- c) Localize o termo usado pelo narrador para nomear a tropa do exército que lutou contra os seguidores de Antônio Conselheiro. Essa maneira de nomear os adversários indica o que no contexto da batalha de Canudos?

"federava" confere certa "oficialidade" aos combatentes.

- d) Em mais de uma ocasião, o narrador chama os seguidores de Antônio Conselheiro que ficaram no campo da batalha de "guerreiros". A essa designação pode-se atribuir um sentido positivo ou negativo no romance? Justifique sua resposta.

Positivo, porque aos guerreiros atribui-se características como: bravura, coragem.

2. Na segunda parte do texto, o narrador descreve a natureza da serra para a qual os refugiados se dirigiram. Pode-se dizer que, segundo o narrador,

- a) a natureza provê todas as necessidades de sobrevivência daquele grupo de pessoas, como se elas estivessem ainda no arraial de Canudos.

alguns dos itens necessários para sobrevivência poderiam ser encontrados naquele local; no entanto, as pessoas precisariam se adaptar, pois alguns itens essenciais não seriam encontrados.

- c) o ambiente era de total desolação: à exceção de água, pouco se poderia retirar de alimento daquele lugar, que, na verdade, era uma extensão do sertão pobre de recursos naturais.

3. "Abrindo mão do sal, da rapadura e do café, se fosse preciso também do fumo, que afinal não é nenhum sustento, dizem até que tira sustento [...]": o narrador, ao listar alguns itens que as pessoas que sobem a serra estão acostumadas a consumir, interrompe sua listagem para fazer uma consideração. Que consideração é essa e a que gênero textual essa forma de falar se assemelha?

O fumo inden a fome.

4. No trecho final, quando as pessoas manifestaram alguma preocupação com a situação do arraial e dos "guerreiros" que enfrentaram o exército, Antônio Conselheiro faz uma advertência.

- a) Qual é essa advertência? O que ela significa?

Fazer a limpeza "da casa anterior", ou seja, fazer uma autorreflexão.

- b) Por que as pessoas tiveram uma reação de incompreensão em relação à fala de Conselheiro?

uso de metáforas, as pessoas tendiam

a uma compreensão literal.

Estudai



- c) Com base na reação das pessoas, como era a relação entre o que o líder Antônio Conselheiro falava e a forma como seus seguidores o entendiam?

Entendiam de modo literal.

5. O romance *A casca da serpente*, como foi dito, retoma um acontecimento histórico considerado emblemático para a constituição da República no Brasil: a Guerra de Canudos. Nesse evento, o conflito entre um Brasil progressista e rico que se desenvolvia na Região Sudeste do país e um Brasil atrasado e pobre localizado no interior da nação se tornou insustentável, desencadeando a batalha entre o poder republicano e o povo sertanejo que se rebelou contra o poder político central.

Esse romance foi publicado em 1989, portanto, mais de cem anos depois dos acontecimentos de Canudos.

- a) Por que, em sua visão, o escritor retoma esse acontecimento como ponto de partida para a escrita de uma obra literária? Por qual aspecto a desigualdade no Brasil.

Crítica entre o que realmente é e a ficção.

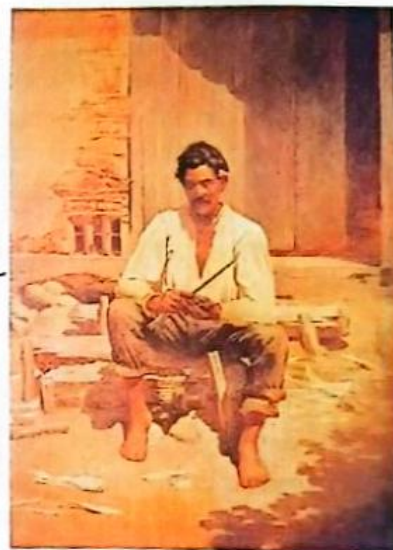
- b) Pode-se dizer que o texto de J. J. Veiga se propõe a uma espécie de investigação social do Brasil, ou seja, preocupa-se em expor de modo realista a vida difícil de uma parcela da população brasileira? Justifique sua resposta usando elementos presentes no trecho lido.

Sim, a referência à cultura do lugar daquela época.

6. Observe a pintura e indique ao menos dois elementos que a aproximam do trecho lido de *A casca da serpente*.

Um modelo de casa simples, plusa de manga longa para proteção ao tipo de trabalho feito. Descascar e fumaça.

Representação de uma pessoa simples, pertencente a uma camada mais humilde, como também a visão realista.



Pinacoteca do Estado de São Paulo

ALMEIDA JÚNIOR, José Ferraz de. *Caipira picando fumo*. 1893. 1 óleo sobre tela, color., 70 cm x 50 cm. Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo.

Estude!



Acontecia

Contexto social da República Velha

A literatura brasileira do início do século XX teve seu contexto histórico e social marcado pela afirmação da República Velha (1894-1930) e pelos hábitos típicos do período da *Belle Époque* que vigorava em centros urbanos mais desenvolvidos do país, especialmente na capital, a cidade do Rio de Janeiro.

O modo de vida europeu, cuja influência foi determinante para a constituição de uma elite enriquecida com o comércio e com o plantio e a exportação de produtos agrícolas, era imitado por muitos. Os cafés, os jornais e as revistas, o teatro, entre outros espaços de convivência e meios de transmissão de ideias, criavam a impressão de que o Brasil vivia seus anos de ouro, caracterizados pela ilusão de um desenvolvimento rápido e contínuo.

Um aspecto menos positivo era a consolidação do espaço urbano marcado pela acomodação de uma parcela da população mais pobre, em sua maioria, antigos escravizados e seus descendentes, nas áreas periféricas. No centro, avenidas largas e arborizadas se assemelhavam aos bulevares franceses e às vias de tráfego intenso em Londres. A ausência de condições sanitárias, de empregos e de uma situação favorável a uma melhoria de vida caracterizava o dia a dia dos mais necessitados, que viviam nas bordas das cidades. Engrossando esses espaços precários, havia pequenos comerciantes locais, uma classe operária e um subproletariado.

De certo modo, essa configuração de centro rico e periferia pobre se projetava para além das cidades. Um desnível era igualmente sentido na comparação entre as regiões do país: as regiões Sul e Sudeste enriquecidas, especialmente com o plantio do café, se opunham à Região Nordeste, economicamente decadente, e às regiões Norte e Central.

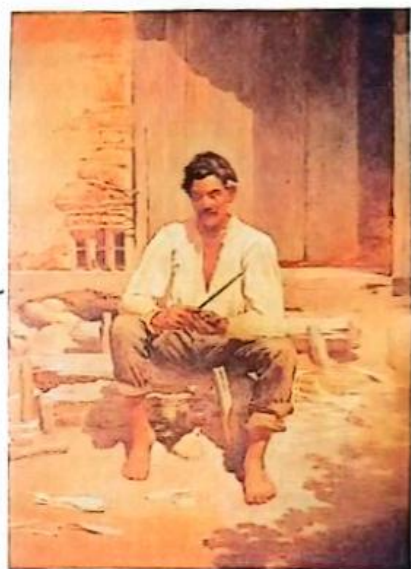
- b) Pode-se dizer que o texto de J. J. Veiga se propõe a uma espécie de investigação social do Brasil, ou seja, preocupa-se em expor de modo realista a vida difícil de uma parcela da população brasileira? Justifique sua resposta usando elementos presentes no trecho lido.

Sim, a referência à cultura do lugar daquela época.

6. Observe a pintura e indique ao menos dois elementos que a aproximam do trecho lido de *A casca da serpente*.

Um modelo de casa simples, plusa de manga longa para proteção ao tipo de trabalho feito. Descascando o fumo.

Representação de uma pessoa simples, pertencente a uma camada mais humilde, como também a visão realista.



ALMEIDA JÚNIOR, José Ferraz de. *Caipira picando fumo*. 1893. 1 óleo sobre tela, color., 70 cm x 50 cm. Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo.

Acontecia

Contexto social da República Velha

A literatura brasileira do início do século XX teve seu contexto histórico e social marcado pela afirmação da República Velha (1894-1930) e pelos hábitos típicos do período da *Belle Époque* que vigorava em centros urbanos mais desenvolvidos do país, especialmente na capital, a cidade do Rio de Janeiro.

O modo de vida europeu, cuja influência foi determinante para a constituição de uma elite enriquecida com o comércio e com o plantio e a exportação de produtos agrícolas, era imitado por muitos. Os cafés, os jornais e as revistas, o teatro, entre outros espaços de convivência e meios de transmissão de ideias, criavam a impressão de que o Brasil vivia seus anos de ouro, caracterizados pela ilusão de um desenvolvimento rápido e contínuo.

Um aspecto menos positivo era a consolidação do espaço urbano marcado pela acomodação de uma parcela da população mais pobre, em sua maioria, antigos escravizados e seus descendentes, nas áreas periféricas. No centro, avenidas largas e arborizadas se assemelhavam aos bulevares franceses e às vias de tráfego intenso em Londres. A ausência de condições sanitárias, de empregos e de uma situação favorável a uma melhoria de vida caracterizava o dia a dia dos mais necessitados, que viviam nas bordas das cidades. Engrossando esses espaços precários, havia pequenos comerciantes locais, uma classe operária e um subproletariado.

De certo modo, essa configuração de centro rico e periferia pobre se projetava para além das cidades. Um desnível era igualmente sentido na comparação entre as regiões do país: as regiões Sul e Sudeste enriquecidas, especialmente com o plantio do café, se opunham à Região Nordeste, economicamente decadente, e às regiões Norte e Central.

pouco ou nada exploradas. Os sistemas produtivos capitalistas ainda não impactavam o país. A faixa litorânea, mais habitada, dava pouca atenção à porção interiorana do país. Enfim, o início da República teve que lidar com as diferentes necessidades das regiões brasileiras, assim como eram distintos os interesses de parcelas da população, dos representantes das oligarquias rurais à classe trabalhadora que vivia de **subempregos**.

Não por acaso esse período foi marcado por uma série de ocorrências, como as Revoltas da Armada (a primeira em 1891 e a segunda em 1893), a Guerra de Canudos (1896-1897), a Revolta da Vacina (1904) e a Revolta da Chibata (1910-1914). Em comum, essas manifestações revelavam o descontentamento da parte dos "esquecidos da República", que não compartilhavam da sensação de ordem e progresso que se tornou o lema dos primeiros governantes republicanos.

Nessa conjuntura, uma parcela importante da produção literária brasileira procurava lançar um olhar crítico em relação a essa realidade. Ao conjunto da produção desse período deu-se o nome de Pré-Modernismo.

Olhar literário

Pré-Modernismo e a investigação da realidade brasileira

Muitos críticos literários não consideram o Pré-Modernismo um movimento literário propriamente dito. Apesar de ser possível observar elementos comuns do ponto de vista do uso da linguagem e de temas, esses críticos entendem que se trata mais de um conjunto de individualidades, ou seja, de escritores que compartilharam problemas estéticos e sociais semelhantes, que um estilo de época. O termo Pré-Modernismo foi criado pelo crítico Tristão de Athayde, em 1940, como uma maneira de agrupar uma literatura que antecedeu o Modernismo que surgiria a partir de 1922.

Ainda que a referência literária para o público leitor do final do século XIX e início do século XX fosse a poesia parnasiana, alguns textos (romances, contos, relatos de experiência, poemas, etc.) começaram a circular apresentando uma preocupação em representar aspectos da vida social que, antes, tinham pouca atenção das pessoas em geral.

Do ponto de vista do estilo, esses textos apresentavam uma ruptura com o academicismo (utilização de linguagem e temas consagrados pela tradição literária) e negavam os vínculos com o passado e com a linguagem refinada. Buscavam uma linguagem com traços coloquiais que pudessem expressar as variedades multifacetadas da realidade social brasileira. Diferente, portanto, do ideal da arte pela arte da poesia parnasiana, essa tendência que se via na produção de novos escritores tinha também como marcas o regionalismo e o nacionalismo. O olhar para a marginalidade que se constituía, como visto, nas recentes conformações sociais urbanas podia ser notado como uma das características dessa literatura.

Esses textos evidenciavam as figuras do sertanejo, do caipira, do mulato, situados entre fatos históricos, políticos e sociais complexos, resultando ora em interpretações deterministas ora em problemáticas sobre a formação da nação brasileira que são debatidas até os dias de hoje.

As tendências literárias pré-modernistas podem ser divididas em três: a primeira corresponde às obras dos contistas, que fizeram uma espécie de investigação do conceito de "nacional" com base na representação de regiões específicas do Brasil; a segunda tem como foco a discussão sobre o Brasil republicano; e a terceira é representada pela obra singular de Euclides da Cunha intitulada *Os sertões*, mistura de tratado histórico-geográfico e recriação ficcional derivada de um relato de experiência sobre o massacre que aconteceu na Guerra de Canudos.

subempregos: empregos não qualificados, com baixos salários e sem vínculos ou com poucos direitos.



Atividades

1. Leia as seguintes afirmações sobre o Pré-Modernismo:

- I. O Pré-Modernismo é considerado um movimento literário que, advindo da junção entre a crítica social do Realismo e a preocupação formal do Parnasianismo, predominou no campo das letras brasileiras até o surgimento do Modernismo, em 1922.
- II. A arte clássica, ainda que de modo sutil, foi o modelo segundo o qual se consolidou a literatura pré-modernista.
- III. A preocupação em se distanciar dos grandes problemas brasileiros que marcaram os primeiros anos do período da República Velha fez da literatura pré-modernista uma espécie de prolongamento do Parnasianismo.
- IV. Apesar de a temática abordar alguns problemas sociais, a linguagem utilizada pela literatura pré-modernista era muito próxima daquela utilizada pelos poetas parnasianos.

Quais estão corretas?

- a) Apenas I.
- b) Todas.
- c) Apenas I e III.
- d) Apenas I, II e III.
- e) Nenhuma.

2. Leia estas fotografias, que mostram duas faces distintas do Rio de Janeiro, capital da República Brasileira no início do século XX.



Vista da Avenida Rio Branco, parte central da cidade



Vista da favela do Morro do Pinto, foto tirada em 1912

a) Considerando que as duas imagens retratam a mesma cidade, aproximadamente na mesma época, que contrastes é possível estabelecer dos pontos de vista econômico e social?

Ciudad que em desenvolvimento econômico, a grande parcela da população vive nas condições precárias, a grande parcela da população vive nas condições precárias, daí o termo "marginalidade" que, em contexto político, não nos preocupa.

Duas faces do mesmo social no contexto industrial brasileiro

b) De que modo essas imagens podem ser associadas à produção literária do Pré-Modernismo?

Uma crítica a marginalidade política e social das regiões periféricas, a fim de mostrar a realidade social utilizada nas margens da literatura na comunidade

Soneto 14 versos
4 parágrafos

tercetos
3 versos

3. Leia o texto a seguir, escrito por João do Rio, e responda às perguntas.

[...]

Oh! sim, as ruas têm alma! Há ruas honestas, ruas ambíguas, ruas sinistras, ruas nobres, delicadas, trágicas, depravadas, puras, infames, ruas sem história, ruas tão velhas que bastam para contar a evolução de uma cidade inteira, ruas guerreiras, revoltosas, medrosas, *spleenéticas*, *snobs*, ruas aristocráticas, ruas amorosas, ruas covardes, que ficam sem pinga de sangue...

Vede a Rua do Ouvidor. É a *fanfarronada* em pessoa, exagerando, mentindo, tomando parte em tudo, mas desertando, correndo os *taipais das montras* à mais leve sombra de perigo. Esse beco inferno de pose, de vaidade, de inveja, tem a especialidade da *bravata*. E fatalmente oposicionista, criou o boato, o "diz-se..." aterrador e o "fecha-fecha" prudente. Começou por chamar-se Desvio do Mar. Por ela continua a passar para todos os desvios muita gente boa. No tempo em que os seus melhores prédios se alugavam modestamente por dez mil réis, era a Rua do Gadelha. Podia ser ainda hoje a Rua dos Gadelhas, atendendo ao número prodigioso de poetas *nefelibatas* que a infestam de cabelos e de versos. Um dia resolveu chamar-se do Ouvidor sem que o senado da câmara fosse ouvido. Chamou-se como calúnia, e elogia, como insulta e aplaude, porque era preciso denominar o lugar em que todos falam de lugar do que ouve; e parece que cada nome usado foi como a antecipação moral de um dos aspectos atuais dessa irresponsável artéria da futilidade.

A Rua da Misericórdia, ao contrário, com as suas hospedarias *lóbregas*, a miséria, a desgraça das casas velhas e a cair, os corredores *bafientos*, é perpetuamente lamentável. Foi a primeira rua do Rio. Dela partimos todos nós, nela passaram os vice-reis malandros, os gananciosos, os escravos nus, os senhores em redes; nela vicejou a imundície, nela desabotoou a *flor da influência* jesuítica. Índios batidos, negros presos a ferros, domínio ignorante e bestial, o primeiro balbúcio da cidade foi um grito de misericórdia, foi um *estertor*, um ai! tremendo atirado aos céus. Dela brotou a cidade no antigo esplendor do Largo do Paço, dela decorreram, como de um corpo que sangra, os becos humildes e os coalhos de sangue, que são as praças, ribeirinhas do mar. Mas, soluço de espancado, primeiro esforço de uma porção de infelizes, ela continuou pelos séculos afora sempre lamentável, e tão angustiosa e franca e verdadeira na sua dor que os patriotas lisonjeiros e os governos, ninguém, ninguém se lembrou nunca de lhe tirar das esquinas aquela muda prece, aquele grito de mendiga velha: – Misericórdia!

[...]



DrOEstudo 2015 Digital

RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000039.pdf>>. Acesso em: 22 jul. 2015.

spleenéticas: relativas ao *spleen* romântico (situação em que a pessoa se entrega ao egocentrismo, à insatisfação permanente, etc.).

snobs: palavra inglesa que equivale ao *esnobe* em português e significa pessoa afetada, arrogante.

fanfarronada: atitude de quem tenta demonstrar valentia sem ser realmente valente.

taipais das montras: painéis que servem para fechar ou proteger janelas e vitrines (montras = vitrines).

bravata: dizer palavras elogiosas de si mesmo sem que elas correspondam necessariamente à verdade.

nefelibatas: pessoas que vivem nas nuvens.

lóbregas: sombrias; soturnas.

bafientos: que cheiram a bolor.

vicejou: brilhou.

estertor: respiração de uma pessoa que está morrendo.

- a) A descrição feita das duas ruas apresenta metaforicamente um conjunto muito diversificado de pessoas que compõem a pluralidade da vida social de uma cidade como o Rio de Janeiro no início do século XX (o livro que contém esse texto foi publicado em 1908).

Caracterize, com base no texto de João do Rio, os tipos sociais que perambulavam pelas ruas da capital da República no início do século XX.

Gente boa, aqueles que se associam a miséria.

- b) Para você, a descrição feita por João do Rio de duas das mais importantes ruas da cidade do Rio de Janeiro corresponde ao ideal da *Belle Époque*? Justifique sua resposta.

~ mostra um Rio decadente, em oposição a Belle Époque

Estilo...



• No Brasil não temos requintados europeus

Olhar literário

Pré-Modernismo: prosa e poesia

As obras em prosa mais significativas escritas no período pré-modernista são de autoria de Euclides da Cunha, Monteiro Lobato, Lima Barreto, João do Rio, Graça Aranha e Valdomiro Silveira. Na poesia, destaca-se a obra de Augusto dos Anjos.

É importante considerar que esse período se deu em meio a um ambiente literário predominantemente parnasiano e amplamente valorizado pela Academia Brasileira de Letras, fundada em 1897.

Veja, a seguir, algumas marcas que singularizam a produção literária de alguns desses escritores pré-modernistas.

Euclides da Cunha

Euclides da Cunha foi convidado pelo jornal *O Estado de S. Paulo* a fazer a cobertura da Guerra de Canudos como repórter. A proposta era que ele escrevesse dois artigos para serem publicados em 14 de março e 14 de julho de 1907.

Porém, ao escrever sobre sua experiência na Guerra de Canudos, Euclides da Cunha extrapolou seu objetivo inicial de publicar dois artigos. Tanto que o material coletado pelo escritor deu origem a um livro, *Os sertões*, que é visto até hoje como uma inovação nas letras brasileiras: uma mistura de relato de experiência de observador da guerra com informações da geografia física e humana da região onde se deu o conflito, além de passagens de ficcionalização da realidade (ou seja, de criação literária). Em razão disso, *Os sertões* é considerado uma das grandes obras da literatura brasileira desse período.

O livro se divide em três partes: "A terra", "O homem" e "A luta". Na primeira, o foco da escrita está na descrição de aspectos geográficos do sertão nordestino, destacando especificidades do clima, da vegetação e



■ Euclides da Cunha, aproximadamente 1908

do relevo da região. Na segunda parte do livro, o olhar do narrador se volta para o sertanejo, explorando desde seu tipo físico até marcas de sua personalidade, discutindo os processos que permitiram que esse tipo regional vencesse as dificuldades e se adaptasse à região. Na terceira e última parte, a narrativa capta os momentos da guerra propriamente dita, relatando as etapas pelas quais o embate passou até chegar a seu fim.

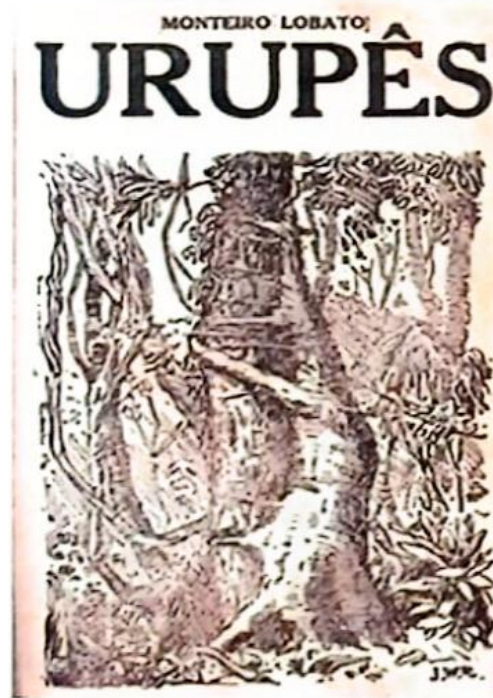
Um ponto que merece destaque em *Os sertões* é a transformação pela qual vai passando, ao longo do texto, a visão do narrador em relação ao conflito. No início, marcada pela influência determinista, a narrativa procura estabelecer relação entre a natureza hostil do sertão nordestino e o caráter de seu povo; mais adiante, o narrador passa a reconhecer que se trata de um caso grave de violência do governo da Primeira República contra aquela parte da população.

Outro ponto que demonstra essa transformação é o tratamento dado pelo narrador à figura do jagunço. Descrito inicialmente de modo estereotipado, como uma figura humana brutal, surgida em meio ao ambiente miserável do sertão, aos poucos, esse mesmo sertanejo ressurge, na narrativa, como um herói resistente, que enfrenta forças muito maiores do que se poderia imaginar.

Monteiro Lobato

É de Monteiro Lobato a frase "um país se faz com homens e livros". Como outros escritores de sua geração, Lobato via na literatura uma estratégia de superar a condição de atraso social que sentia ser o problema mais grave do Brasil.

Sua atuação não se limitou à escrita da literatura: além de ser um dos escritores mais lidos durante décadas, foi livreiro (desenvolveu estratégias de vendas de livros muito inovadoras para sua época) e editor (publicou nomes importantes das literaturas nacional e estrangeira). Envolveu-se também em questões de interesse nacional, como foi o caso da campanha contra a abertura da exploração do petróleo em terras brasileiras. Como escritor de literatura infantil, ainda é nosso maior nome. O escritor se esforçou para oferecer às crianças brasileiras um contato mais próximo com nosso folclore, mas também com parte da literatura universal dedicada ao público leitor infantil. Além disso, era um polemista: Lobato foi uma das vozes conservadoras que reagiu quando da produção das primeiras obras modernistas, como foi o caso de seu artigo "Paranoia ou mistificação?", criticando a exposição das pinturas da artista plástica Anita Malfatti, em 1917.



Capa da primeira edição do livro de contos *Urupês*, 1918, de Monteiro Lobato. Para muitos, esse é considerado o melhor livro de contos do escritor.

Como escritor de literatura adulta, apresenta uma obra com ponto de destaque nos contos regionalistas. Nesses textos, pode-se notar um traço que, mesmo comum em todos os escritores do Pré-Modernismo, ganhou na literatura de Lobato um aspecto essencial: uma visão da literatura ao mesmo tempo conservadora, em determinados aspectos, e renovadora, em outros.

Essa duplicidade se traduz, por exemplo, na renovação temática, nos assuntos que sua prosa privilegia: os espaços rurais de Itaoca, cidade do Vale do Paraíba, conhecidos como "Cidades Mortas", por ocuparem uma antiga região produtora de café que se tornou decadente com o desgaste do plantio da monocultura.

O tema do atraso pode ser considerado um dos eixos centrais de seus textos, tratado, muitas vezes, com um tom moralista, reforçando uma perspectiva conservadora dessa prosa.

polemista: pessoa que se envolve frequentemente em polêmicas, em debates públicos de ideias.

Lima Barreto

Lima Barreto atuou como jornalista e cronista. Escreveu seu primeiro romance, *Recordações do escrivo Isaias Caminha*, em 1909. Anos depois, em 1914, publicou seu romance mais importante: *O triste fim de Policarpo Quaresma*. Para os padrões de escrita literária de sua época, que se pautavam pela estética apurada e artificial do Parnasianismo, a obra de Lima Barreto foi considerada mal escrita, pouco acadêmica. Mais tarde, o que havia sido considerado ruim pela crítica literária parnasiana se tornou um modelo para os escritores modernistas que apareceriam no cenário literário nos anos de 1920.

A escrita de Lima Barreto aborda aspectos da sociedade urbana brasileira da virada do século XIX para o século XX que não estavam presentes na literatura oficial – a qual buscava se expressar com uma linguagem refinada e era valorizada pela elite social e econômica –, principalmente o lugar marginalizado das minorias. A literatura desse escritor é repleta de personagens suburbanos, que se misturam com os pobres e também com os ricos. A periferia carioca surge em seus livros como um contraponto ao otimismo do centro da cidade, que vivia seu momento de Belle Époque.

No início do século XX, com a finalidade de combater a peste bubônica que proliferava na cidade, o presidente da República Campos Salles (1898-1902) resolveu pagar a população pelos ratos mortos entregues às autoridades sanitárias.

A diversidade de temas abordados em seus textos se soma ao estilo jocoso empregado para criticar os hábitos sociais de seu tempo, tais como preconceito, discriminação e falsidade, em geral, mascarados pelos "bons costumes" da sociedade. Diferentemente de outros escritores anteriores, que também criticaram os valores da sociedade brasileira, Lima Barreto não via saída que permitisse uma transformação efetiva da realidade social. Um dos exemplos dessa visão pessimista está exposto em seu romance mais importante, intitulado *O triste fim de Policarpo Quaresma*.

Essa narrativa gira em torno do personagem mencionado no título, Policarpo Quaresma, um funcionário público que tem como sua marca uma devoção para com tudo que se refira ao Brasil.

O romance se divide em três partes. Na primeira, Quaresma se dedica a um grande projeto que reflete seu patriotismo sem limites: propõe a adoção do tupi-guarani como língua oficial do país. Para ele, essa seria a verdadeira e única língua realmente nacional, sem as influências europeias que aqui chegaram com a dominação portuguesa. Quaresma envia esse projeto para a Câmara de Deputados e é ridicularizado. Sem se deixar abater, tenta fundamentar sua proposta, mas não encontra espaço para dialogar. Suas ações culminam com sua internação em um hospício, em razão de um esgotamento nervoso. Recebe alta e é imediatamente aposentado. Essa etapa da vida do personagem termina quando ele resolve se mudar para um sítio de nome Sossego.

A segunda parte do romance é dedicada a seu segundo grande projeto: desenvolver a agricultura nesse local partindo da ilusão de que, no Brasil, a terra fértil permite o cultivo de tudo o que se desejar. Quaresma, porém, se depara com mais dificuldades, da falta de organização dos produtores agrícolas a problemas com o plantio. E, novamente, seu projeto não vinga.

Na terceira parte, estoura a Revolta da Armada, fato histórico verídico que Lima Barreto transporta para o interior da ficção. Quaresma, ao receber a notícia de que há o risco de uma generalização do conflito, segue para o Rio de Janeiro e se põe à disposição do Presidente do Brasil, Marechal Floriano Peixoto, oferecendo-lhe um documento em que são propostas medidas para resolver os problemas da nação. Oferece-se para atuar voluntariamente na guerra. Torna-se carcereiro. A partir desse momento, a narrativa indica uma mudança na perspectiva de Quaresma diante da realidade: ele passa a ser uma testemunha das atrocidades que são cometidas em nome da ordem. Acompanha de perto as ações violentas e a intimidação, a prisão aleatória de pessoas.

Quaresma se vê frustrado em relação ao ideal do Brasil que tanto sonhou. Sente-se cada vez mais incomodado com a injustiça. Parte, então, para a denúncia dos fatos que presenciou. Por essa razão, é preso e executado.

Lima Barreto, por meio de *O triste fim de Policarpo Quaresma*, critica o processo de instauração da República. Ainda que desejoso de ver um Brasil grande, mesmo de modo ingênuo, Quaresma se frustra em todos os seus projetos.

Augusto dos Anjos

Considerado um poeta ímpar em nossa literatura, Augusto dos Anjos é autor de um único livro, intitulado *Eu* (1912), cuja poesia é marcada por uma articulação muito bem-sucedida entre rigor formal, vocabulário que resgata termos ligados ao cientificismo, perspectiva existencial, **visão pessimista da realidade e uma série de surpresas em boa parte de seus textos** (visões extravagantes da morte, resgate de imagens religiosas de várias ordens, alusões a uma psicologia distorcida e, às vezes, delirante).

Observam-se em seus poemas duas dimensões que lutam a todo o tempo: de um lado, as imagens de dor e morte, **dos vermes devorando a carne que se desfaz misturada à massa inorgânica da terra; de outro, a racionalidade que procura explicar os fenômenos existenciais de um "eu" em crise.**



Augusto dos Anjos

Muitos leitores "encaixam" essa poesia no Parnasianismo por seu rigor formal, outros acreditam haver vínculo maior com o Simbolismo, pelo apelo existencial. Localizá-lo entre os pré-modernistas, porém, parece melhor por indicar que essa poética pode ser considerada um exemplo da multiplicidade de referências e tendências estéticas.

Atividades

1. O texto a seguir pertence ao livro *Os sertões*, de Euclides da Cunha. Leia-o com atenção e responda às questões propostas.

Retirada

Começara, de fato, a retirada.

Extintas as esperanças de sucesso, resta aos exércitos infelizes o recurso desse oscilar entre a derrota e o triunfo, numa luta sem vitórias em que, entretanto, o vencido vence em cada passo que consegue dar para a frente, pisando, indomável, o território do inimigo – e conquistando a golpes de armas todas as voltas dos caminhos.

Ora, a retirada do major Febrônio se, pelo restrito do campo em que se operou, não se equipara a outros feitos memoráveis, pelas circunstâncias que a enquadraram é um dos episódios mais emocionantes de nossa história militar. Os soldados batiam-se ia para dous dias, sem alimento algum, entre os quais mediava o **armistício** enganador de uma noite de alarmas; cerca de setenta feridos enfraqueciam as fileiras; grande número de estropiados mal carregavam as armas; os mais robustos deixavam a linha de fogo para arrastarem os canhões ou arcavam sobre feixes de espingardas, ou, ainda, em **padiolas**, transportavam malferidos e agonizantes; – e, na frente desta multidão revolta, se estendia uma estrada de cem quilômetros, em sertão **maninho**, inçado de tocaias...

Ao perceberem o movimento, os jagunços encaçaram-na.

Capitaneava-os, agora, um mestiço de bravura **inexcedível** e ferocidade rara, Pajeú. Legítimo **cafuz**, no seu temperamento impulsivo **acolcheteavam-se** todas as tendências das raças inferiores que o formavam. Era o tipo completo do lutador primitivo – ingênuo, feroz e **destemeroso** – simples e mau, brutal e

armistício: trégua.

padiolas: espécies de maca para transportar feridos.

maninho: sem dono conhecido.

capitaneava-os: liderava-os.

inexcedível: excelente; perfeito.

cafuz: cafuzo, isto é, descendente do cruzamento entre uma pessoa negra e uma indígena.

acolcheteavam-se: juntavam-se; agregavam-se.

destemeroso: que não tem temor; sem medo.

infantil, valente por instinto, herói sem o saber – um belo caso de retroatividade **atávica**, forma retardatória de troglodita **sanhudo** apurando-se ali com o mesmo arrojo com que, nas velhas idades, vibrava o machado de sílex à porta das cavernas...

Este bárbaro ardiloso distribuiu os companheiros pelas caatingas, **ladeando** as colunas.

Estas marchavam lutando. [...]

Os companheiros sobreviventes passavam-lhes, agora, **de permeio**, parecendo uma turba vingadora de demônios entre caída multidão de espectros...

[...]

A natureza toda **quedava-se** imóvel naquele deslumbramento, sob o espasmo da **canícula**. Os próprios tiros mal quebravam o silêncio: não havia ecos nos ares rarefeitos, irrespiráveis. Os estampidos estalavam, secos, sem ressoarem; e a brutalidade humana rolava surdamente dentro da quietude universal das cousas...

A travessia das trincheiras foi lenta.

Entretanto, os sertanejos por bem dizer não agrediam.

[...]

O último **recontro** aí se fez, ao cair da noite, à meia-luz dos rápidos crepúsculos do sertão.

Foi breve, mas temeroso. Os jagunços deram a última investida com a artilharia, que **timbravam** em **arrebatar** à tropa. As metralhadoras, porém, disparadas a cavaleiro, rechaçaram-nos; e, varridos a metralha, deixando vinte mortos, rolaram para as baixadas, perdendo-se na noite...

Estavam findas as horas de provações.

Um incidente **providencial** completou o sucesso. **Fustigado** talvez pelas balas, um rebanho de cabras ariscas invadiu o acampamento, quase ao tempo em que refluíam os sertanejos repelidos. Foi uma diversão feliz. Homens absolutamente exaustos apostaram carreiras doudas com os velozes animais em torno dos quais a força circulou delirante de alegria; prefigurando os **regalos** de um banquete, após dous dias de jejum forçado; e, uma hora depois, acorados em torno das fogueiras, dilacerando carnes apenas **sapeçadas** – **andrajosos**, imundos, repugnantes – agrupavam-se, tintos pelos clarões dos braseiros, os heróis infelizes, como um bando de canibais **famulentos** em **repasto** bárbaro...

A expedição, no outro dia, cedo, prosseguiu para Monte Santo.

Não havia um homem válido. Aqueles mesmos que carregavam os companheiros sucumbidos **claudicavam**, a cada passo, com os pés sangrando, varados de espinhos e cortados pelas pedras. Cobertos de chapéus de palha grosseiros, fardas em trapos, alguns tragicamente ridículos mal **velando** a nudez com os capotes em pedaços, mal alinhando-se em simulacro de **formatura**, entraram pelo arraial lembrando uma turma de retirantes, batidos dos sóis bravios, fugindo à desolação e à miséria.

A população recebeu-os em silêncio.

Flynn de Barros



Imagem de habitantes de Canudos. Muitas das pessoas que conseguiram fugir se deslocaram para os grandes centros urbanos em busca de um lugar para viver

CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000153.pdf>>. Acesso em: 27 jul. 2015.

atávica: que se relaciona com seus antepassados.

sanhudo: raivoso; furioso.

ladeando: andando ao lado.

de permeio: por entre.

quedava-se: conservava-se.

canícula: haste fina de cana.

recontro: combate rápido.

timbravam: esforçavam.

arrebatar: impressionar; assustar.

findas: terminadas; concluídas.

providencial: oportuno.

fustigado: açoitado.

refluíam: vazavam; fugiam.

regalos: presentes.

sapeçadas: espancadas.

andrajosos: esfarrapados.

tintos: iluminados com coloração vermelha.

famulentos: famintos.

repasto: banquete.

velando: escondendo.

simulacro: imitação.

formatura: postura organizada de um pelotão

"Extintas as esperanças de sucesso"
continuaram lutando

- a) Apesar de iniciado o momento de "retirada", situação que anunciava o fim da guerra, qual foi a postura dos revoltosos? Use elementos do texto em sua resposta.

Postura pacífica. "Os estampados estavam, parece, num raro sossego, e a brutalidade humana parecia surdeamente dentro da quietude universal das coisas."
"Os estampados por vontade não agrediam".

- b) "A natureza toda quedava-se imóvel naquele deslumbramento": nessa passagem, o narrador estabelece uma relação entre os acontecimentos da batalha e uma reação da própria natureza. Nesse sentido, a natureza se torna solidária a que lado da luta, dos vencedores ou dos vencidos? Levante hipóteses que justifiquem essa aproximação da natureza.

A natureza quedava-se imóvel, analogamente a uma pessoa que diante de uma situação estrepitosa, fica sem falar como o galo. Essa imobilidade diante do drama dos revoltosos, pode ser entendida como uma forma de "natureza" solidarizar-se com eles.

- c) Há uma passagem em que um momento de tensão acaba por se transformar em um acontecimento cômico. Cite o trecho em que isso ocorre.

Um incidente providencial completou o sucesso. Furtivos pelos olhos, um relance de olhos anteriores irradiou o acontecimento, quase ao mesmo tempo em que refletiu na natureza repetida.

- d) Considerando que Canudos representou um ideal político para uma parcela da população que se encontrava "esquecida" pelo poder central da República, o que simboliza o fato de a população receber os últimos revoltosos "em silêncio" quando entravam pelo arraial?

Simboliza não apenas o fim da guerra de canudos, mas também o término de uma utopia e a triste submissão dos estampados às forças do poder central da República.

2. Leia um fragmento do romance *O triste fim de Policarpo Quaresma*, de autoria de Lima Barreto. Ao final da leitura, algumas perguntas ajudarão a compreender aspectos que estruturam o texto, bem como permitirão lê-lo no contexto de produção do Pré-Modernismo brasileiro.

Com auxílio de Mané Candeeiro foi que Quaresma conseguiu acabar de limpar as fruteiras daquele velho sítio abandonado há quase dez anos. Quando o serviço ficou pronto, ele viu com tristeza aquelas velhas árvores amputadas, mutiladas, com folhas aqui e sem folhas ali... Parecia sofrer e ele se lembrou das mãos que as tinham plantado há vinte ou trinta anos, escravos, talvez, banzeiros e desesperançados!...

Mas não tardou que os botões rebentassem e tudo reverdescesse, e o renascimento das árvores como que trouxe o contentamento das aves e do passaredo solto. [...]

Não durou muito essa alegria. Um inimigo apareceu inopinadamente, com a rapidez ousadíssima de um general consumado. Até ali ele se mostrara tímido, parecia que somente mandava esclarecedores.

Desde aquele ataque às provisões de Quaresma, logo afugentadas, não mais as formigas reapareceram; mas, naquela manhã, quando contemplou o seu milharal, foi como se lhe tirassem a alma, e ficou sem ação e as lágrimas lhe vieram aos olhos.

O milho que já tinha repontado, muito verde, pequenino, com uma timidez de criança, crescera cerca de meio palmo acima da terra; o major até mandara buscar o sulfato de cobre para a solução em que ia lavar a batata-inglesa a plantar nos intervalos dos pés.

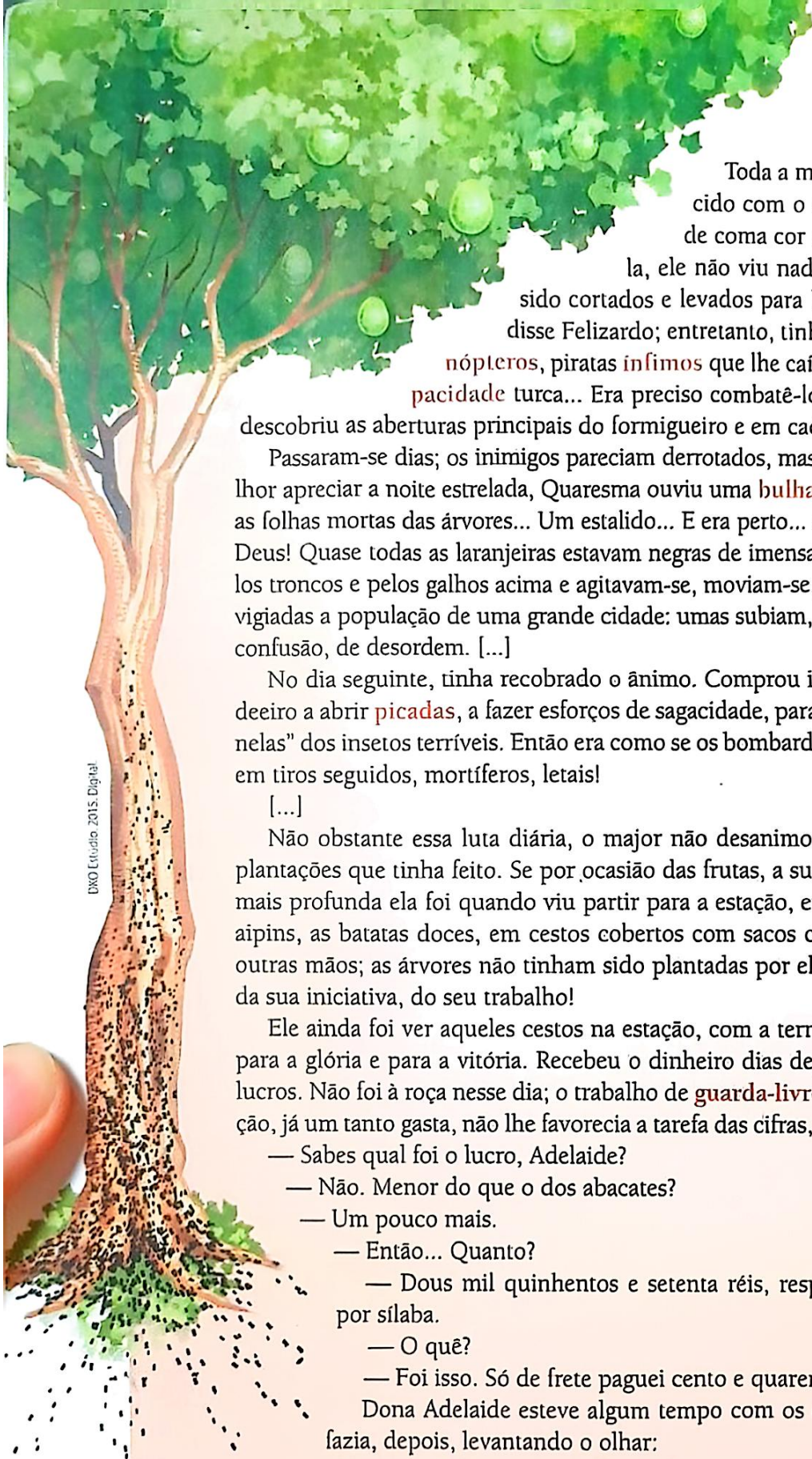
banzeiros: tristes, melancólicos.

inopinadamente: de modo repentino.

consumado: exímio; perito.

provisões: suprimentos.

repontado: aparecido.



DXO (Lúcio, 2015, Digital)

Toda a manhã, ele ia lá e já via o milharal crescido com o seu **pendão** branco e as suas espigas de coma cor de vinho, oscilando ao vento; naquela, ele não viu nada mais. Até os tenros colmos tinham sido cortados e levados para longe! "A modo que é obra de gente" disse Felizardo; entretanto, tinham sido as saúvas, os terríveis **himenópteros**, piratas **ínfimos** que lhe caíam em cima do trabalho com uma **rapacidade** turca... Era preciso combatê-los. Quaresma pôs-se logo em campo, descobriu as aberturas principais do formigueiro e em cada uma queimou o formicida mortal.

Passaram-se dias; os inimigos pareciam derrotados, mas, certa noite, indo ao pomar para melhor apreciar a noite estrelada, Quaresma ouviu uma **bulha** esquisita, como se alguém esmagasse as folhas mortas das árvores... Um estalido... E era perto... Acendeu um fósforo e o que viu, meu Deus! Quase todas as laranjeiras estavam negras de imensas saúvas. Havia delas às centenas, pelos troncos e pelos galhos acima e agitavam-se, moviam-se, andavam como em ruas transitadas e vigiadas a população de uma grande cidade: umas subiam, outras desciam; nada de atropelos, de confusão, de desordem. [...]

No dia seguinte, tinha recobrado o ânimo. Comprou ingredientes e ei-lo mais o Mané Candeeiro a abrir **picadas**, a fazer esforços de sagacidade, para descobrir os redutos centrais, as "panelas" dos insetos terríveis. Então era como se os bombardeassem: o sulfeto queimava, estourava em tiros seguidos, mortíferos, letais!

[...]

Não obstante essa luta diária, o major não desanimou e pôde colher alguns produtos das plantações que tinha feito. Se por ocasião das frutas, a sua alegria foi grande, mais expressiva e mais profunda ela foi quando viu partir para a estação, em sucessivas carretas, as abóboras, os aipins, as batatas doces, em cestos cobertos com sacos cosidos. Os frutos, em parte, eram de outras mãos; as árvores não tinham sido plantadas por ele; mas aquilo não, vinha do seu suor, da sua iniciativa, do seu trabalho!

Ele ainda foi ver aqueles cestos na estação, com a ternura de um pai que vê partir seu filho para a glória e para a vitória. Recebeu o dinheiro dias depois, contou-o e esteve deduzindo os lucros. Não foi à roça nesse dia; o trabalho de **guarda-livros** roubou o de cultivador. A sua atenção, já um tanto gasta, não lhe favorecia a tarefa das cifras, e só pelo meio-dia, pôde dizer à irmã:

— Sabes qual foi o lucro, Adelaide?

— Não. Menor do que o dos abacates?

— Um pouco mais.

— Então... Quanto?

— Dous mil quinhentos e setenta réis, respondeu Quaresma, destacando sílaba por sílaba.

— O quê?

— Foi isso. Só de frete paguei cento e quarenta e dous mil e quinhentos.

Dona Adelaide esteve algum tempo com os olhos baixos, seguindo a costura que fazia, depois, levantando o olhar:

— Homem, Policarpo, o melhor é deixares isso... Tens gasto muito dinheiro... Só com as formigas!

pendão: estrutura reprodutiva masculina do milho.

himenópteros: espécies de inseto, em que se inclui a formiga.

ínfimos: insignificantes.

rapacidade: hábito de roubar.

bulha: rebuliço; desordem.

picadas: caminhos abertos em meio à mata.

guarda-livros: contador.

— Ora, Adelaide! Pensas que quero fazer fortuna? Faço isso para dar exemplo, levantar a agricultura, aproveitar as nossas terras feracíssimas...

— É isto... Queres sempre ser a abelha-mestra... Já viste os grandes fazerem esses sacrifícios?... Vê lá se fazem! Histórias... Metem-se no café que tem todas as proteções...

— Mas, faço eu.

BARRETO, Lima. *O triste fim de Policarpo Quaresma*. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000013.pdf>>. Acesso em: 28 jul. 2015.

a) Policarpo Quaresma é um personagem que simboliza o patriotismo desmedido e ingênuo. Mesmo diante dos mais graves problemas, é capaz de transformar os piores aspectos da realidade nacional em algo positivo. Nesse sentido, qual das seguintes passagens representa melhor o ufanismo de Policarpo? Justifique sua escolha.

() "Quando o serviço ficou pronto, ele viu com tristeza aquelas velhas árvores amputadas, mutiladas, com folhas aqui e sem folhas ali..."

() "O milho que já tinha repontado, muito verde, pequenino, com uma timidez de criança, crescerá cerca de meio palmo acima da terra; o major até mandara buscar o sulfato de cobre para a solução em que ia lavar a batata-inglesa a plantar nos intervalos dos pés."

() "[...] mas, naquela manhã, quando contemplou o seu milharal, foi como se lhe tirassem a alma, e ficou sem ação e as lágrimas lhe vieram aos olhos."

(x) "— Ora, Adelaide! Pensas que quero fazer fortuna? Faço isso para dar exemplo, levantar a agricultura, aproveitar as nossas terras feracíssimas..."

Em suma, o personagem não descreve a dificuldade as dificuldades que tem, apenas maltrata a terra.

b) No trecho do romance, o personagem revela sua pouca capacidade de enfrentar os problemas envolvendo o plantio de alimentos. De que forma isso fica evidente nesse trecho?

Policarpo trata o combate às formigas que atacam sua plantação como se fosse uma

guerra. O formigueiro é um exército inimigo, que conta com estratégias orientadas por um hábil general.

c) Considerando o trecho do romance *O triste fim de Policarpo Quaresma* como exemplo, pode-se dizer que a linguagem utilizada no texto de Lima Barreto

(x) apesar de apresentar palavras pouco comuns para o leitor contemporâneo, torna seu texto bastante acessível a esse leitor.

() mescla um vocabulário da língua portuguesa com o de outras línguas, para criar uma espécie de linguagem que tenta ultrapassar os limites da compreensão imediata de um leitor comum.

() apresenta características idênticas às da literatura parnasiana, optando por utilizar palavras pouco usuais e, de preferência, remetendo-se a um universo típico da literatura clássica.

d) O personagem Policarpo Quaresma apresenta algumas semelhanças com outro personagem literário, D. Quixote, principalmente pela visão idealista que tem da realidade e pelo fato de suas atitudes servirem de motivo para o riso e a zombaria por parte daqueles que o cercam.

Para você, essa visão que transforma todos os problemas em desafios que devem ser enfrentados sem jamais desistir é cabível nos dias atuais ou expressa uma visão ingênua do mundo? Justifique seu posicionamento.



feracíssimas: que têm muita fertilidade.

ufanismo: orgulho exagerado de algo; patriotismo exagerado.

3. Leia o poema abaixo, escrito por Augusto dos Anjos, e alguns fragmentos de análise crítica relacionados a dimensões temáticas, formais e contextuais. Com cada fragmento, haverá uma questão que deve ser respondida por você. A finalidade é que, com suas respostas, você tenha uma interação com o poema desse autor, completando ideias que possam compor uma análise do texto.

"Acostuma-te à lama que te espera": esse verso indica que a vida

- a) está fadada à fatalidade.
b) de cada indivíduo é diferente da dos demais.
c) é um presente que deve ser vivido com prazer.
d) não faz sentido.
e) é feita de escolhas e uma má escolha pode reduzir o indivíduo a pó.

Do ponto de vista formal, o poema apresenta uma estrutura típica do soneto, inclusive com o último terceto fechando o pensamento desenvolvido ao longo do poema.

Esse formato até certo ponto rígido da estrutura do poema dialoga com qual estética que predominava no período em que "Versos íntimos" foi escrito?

Dialoga com o formalismo.

Estude!



Que interpretação pode ser dada ao título do poema?

O tom de conselho juntamente com a denúncia da condição humana, observando o sentimento pessoal, sugido no título do texto.

Versos íntimos

Vês?! Ninguém assistiu ao formidável
Enterro de tua última quimera.
Somente a Ingratidão – esta pantera –
Foi tua companheira inseparável!

Acostuma-te à lama que te espera!
O Homem, que, nesta terra miserável,
Mora, entre feras, sente inevitável
Necessidade de também ser fera.

Toma um fósforo. Acende teu cigarro!
O beijo, amigo, é a véspera do escarro,
A mão que afaga é a mesma que apedreja.

Se a alguém causa inda pena a tua chaga,
Apedreja essa mão vil que te afaga,
Escarra nessa boca que te beija!

ANJOS, Augusto dos. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar. 1994. p. 280.

Com quem o eu lírico desse poema dialoga?

Não há uma indicação específica sobre a quem o eu lírico dialoga o poema, portanto, ressalta uma falanga, nel, conversando para o próprio leitor.

Uma série de palavras presentes no poema o aproximam do Naturalismo. Que palavras são essas?

pantera, lama, homem, feras, escarro.

Ao longo do poema, o eu lírico parece aconselhar alguém. Qual é o teor desse conselho, ou seja, do que ele trata?

O poema cita a "ingratidão" como algo que frustra e a "lama" como o lugar a que todos um dia vão chegar. Portanto, de um olhar pessimista sobre a possibilidade de realização almejada.

quimera: utopia; ilusão.

afaga: acarícia.

chaga: ferida.

Organize as ideias



Como síntese dos conteúdos trabalhados nesta unidade, elabore um texto de análise literária.

No quadro a seguir, estão listados alguns dos textos do Pré-Modernismo. Para cada um deles, há um fragmento teórico correspondente. Para escrever sua análise, você deverá escolher um dos textos Indicados e considerar o trecho teórico correspondente a ele.

Se você concordar com o fragmento teórico, seu texto deve aprofundar o que diz a afirmação, argumentando e exemplificando com partes do texto literário a tese que lhe serviu de ponto de partida.

Se discordar, seu texto deve ter elementos que contradigam o que foi apontado no fragmento teórico, propondo uma interpretação que se oponha à apresentada, argumentando e exemplificando com partes do texto literário que escolheu para analisar.

Para produzir seu texto, considere este quadro:

Obra		Fragmento teórico
<i>Os sertões</i>, romance de Euclides da Cunha	Selecione um trecho da obra.	Resgata o tema do sertão, ou do mundo sertanejo, visto como um universo oposto ao representado pelo mundo civilizado. O texto destaca as contradições existentes nas condições primitivas de existência dos habitantes do sertão, que, vivendo quase às margens da sociedade urbana do século XIX, estão sujeitos à violência da modernização.
<i>Nova Califórnia</i>, conto de Lima Barreto	Leia a obra na íntegra.	Pode ser lido como uma paródia de antigas histórias sobre a "corrida do ouro" no Oeste dos Estados Unidos. Assim, a ideia de transformar ossos humanos em ouro é uma crítica à ambição humana sem limites. A busca pela riqueza "fácil" e ao alcance de todos faz com que as pessoas deixem de lado valores sociais considerados fundamentais, tais como família, tradição, respeito aos que se foram e preocupação com a dignidade e a imagem pública.
<i>O triste fim de Policarpo Quaresma</i>, romance de Lima Barreto	Selecione um trecho da obra.	Pode-se associar o personagem Policarpo Quaresma a outro personagem da literatura mundial: D. Quixote. Ambos têm uma visão distorcida e ao mesmo tempo sublime da realidade, fato que os distingue de tudo e de todos à sua volta. No caso de Policarpo, ele é ridicularizado em razão de suas ideias, mas, por trás desse riso, está a medocridade da vida social e política da alta sociedade carioca de fins do século XIX e início do XX.
<i>O homem que sabia javanês</i>, conto de Lima Barreto	Leia a obra na íntegra.	Pode ser lido como um retrato do Brasil: o jeltinho brasileiro, a vocação para a improvisação, o modo malandro de ser, a ideia de que se pode levar vantagem em tudo, a lei dos espertos, etc., dialogam com os valores sociais que privilegiam as aparências, as boas relações, a busca pelo <i>status</i> . Esse retrato da nação vem carregado de crítica, evidenciando ao leitor uma realidade não necessariamente agradável.

Seu texto de análise deve ter, aproximadamente, entre 40 e 60 linhas. Do ponto de vista da organização, lembre-se de apresentar, em um parágrafo inicial, um breve resumo do trecho teórico relativo ao texto literário que você vai analisar dando ênfase às ideias com as quais você concorda ou das quais você discorda. Muita atenção também para o parágrafo de fechamento de seu texto. Procure utilizá-lo como um espaço de síntese das ideias mais relevantes que conseguiu desenvolver ao longo de sua escrita.

Finalizada a escrita de sua análise, troque-a com a de um colega de classe para que ele leia seu texto e sugira mudanças e correções. Nesse caso, você faz o mesmo, lendo e sugerindo alterações para o texto dele.

Depois dessa troca de ideias, escreva a versão final de seu texto em uma página à parte.



Hora de estudo

1. (ENEM)

Texto I

Eu amo a rua. Esse sentimento de natureza toda íntima não vos seria revelado por mim se não julgasse, e razões não tivesse para julgar, que este amor assim absoluto e assim exagerado é partilhado por todos vos. Nós somos irmãos, nós nos sentimos parecidos e iguais; nas cidades, nas aldeias, nos povoados, não porque soframos, com a dor e os desprazeres, a lei e a polícia, mas porque nos une, nivela e agremia o amor da rua. E este mesmo o sentimento imperturbável e indissolúvel, o único que, como a própria vida, resiste às idades e às épocas.

RIO, J. A rua. In: *A alma encantadora das ruas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008 (fragmento).

Texto II

A rua dava-lhe uma força de fisionomia, mais consciência dela. Como se sentia estar no seu reino, na região em que era rainha e imperatriz. O olhar cobiçoso dos homens e o de inveja das mulheres acabavam o sentimento de sua personalidade, exaltavam-no até. Dirigiu-se para a rua do Catete com o seu passo miúdo e sólido. [...] No caminho trocou cumprimento com as raparigas pobres de uma casa de cômodos da vizinhança.

[...] E debaixo dos olhares maravilhados das pobres raparigas, ela continuou o seu caminho, arrepanhando a saia, satisfeita que nem uma duquesa atravessando os seus domínios.

BARRETO, L. Um e outro. in: *Clara dos Anjos*. Rio de Janeiro: Editora Mérito (fragmento).

A experiência urbana é um tema recorrente em crônicas, contos e romances do final do século XIX e início do XX, muitos dos quais elegem a rua para explorar essa experiência. Nos fragmentos I e II, a rua é vista, respectivamente, como lugar que

- a) desperta sensações contraditórias e desejo de reconhecimento.
- b) favorece o cultivo da intimidade e a exposição dos dotes físicos.
- c) possibilita vínculos pessoais duradouros e encontros casuais.
- d) propicia o sentido de comunidade e a exibição pessoal.
- e) promove o anonimato e a segregação social.

2. O contexto político e econômico do Brasil, na virada do século XIX para o XX, tinha na _____ seu grande eixo. O _____ era a estética que traduzia os ideais de _____ das elites. Contudo, alguns autores voltaram-se para os pontos esquecidos da realidade brasileira, caracterizando aquilo que se conveniou chamar, na literatura, de _____.

- a) exploração – Romantismo – dependência – Modernidade
- b) cafeicultura – Simbolismo – escravidão – Pós-Modernismo
- c) industrialização – Simbolismo – progresso – Pré-Modernismo
- d) industrialização – Arcadismo – escravidão – Pós-Modernismo
- e) cafeicultura – Parnasianismo – progresso – Pré-Modernismo

3. (UCS – RS) Sobre a literatura brasileira na transição entre o final do século XIX e o início do século XX, é correto afirmar que

- a) Aluísio Azevedo escreveu romances em que os seres humanos são determinados pela raça, pelo meio e pelo momento histórico, dada a influência do cientificismo.
- b) Machado de Assis era tido como o maior escritor brasileiro, porque foi o primeiro a aderir ao Naturalismo e por ter fundado a Academia Brasileira de Letras.
- c) Olavo Bilac, que retomou a estética romântica, era considerado o Príncipe dos Poetas.

- d) *Os sertões*, de Euclides da Cunha, foi a primeira obra naturalista do Brasil, pois nela se identificam as três raças em que se baseia a formação étnica brasileira.
- e) Cruz e Sousa e Alphonsus de Guimaraens foram os principais representantes do Simbolismo brasileiro, estética que uniu a objetividade científica ao rigor formal.
4. Por que o Pré-Modernismo não pode ser considerado propriamente uma escola literária?
5. (UFPE) Nas duas primeiras décadas do século XX, surgiu, no Brasil, o Pré-Modernismo. Sobre esse tema, analise as proposições abaixo.
- (F) Foi um movimento com ideário estético rígido, com linguagem altamente formal e cuja temática dominante era a defesa do regime republicano recém-instalado (1889).
- (V) Surgiu num período em que, em termos gerais, predominava a estética parnasiana na poesia, com sua valorização do mundo greco-latino e a concepção de literatura como elaboração formal.
- (V) Nesta época, início do século XX, foi contemporâneo de alguns simbolistas remanescentes, que sonhavam com sensações inefáveis, distantes da realidade.
- (V) Contrastando com os simbolistas e parnasianos, Euclides da Cunha escreveu *Os sertões*, documento amargurado e realista, sobre a guerra de Canudos, da qual participou como enviado do jornal *O Estado de São Paulo*. Descreveu, numa mescla de romance e ensaio científico, uma epopeia às avessas, que foi publicada em 1902.
- (F) Lima Barreto, outro autor da época, tem como principal obra: "O triste fim de Policarpo Quaresma". Em seu livro, abandonou o mundo helênico, perfeito e imaginário, descrevendo a tristeza dos subúrbios e revelando preocupação com fatos históricos e costumes sociais. Seu estilo era semelhante ao de Machado de Assis, pelo refinamento linguístico, pela forma trabalhada, limpa e perfeita.
6. (UPF – RS) Leia as seguintes afirmações sobre três dos mais importantes autores da literatura brasileira e suas obras.
- I. A obra poética de Gregório de Matos é feita barrocamente de fortes contrastes: sátira irreverente *versus* poesia de devoção e arrependimento; poesia obscena *versus* poesia de amor idealizado.

II. Cruz e Sousa é um romancista do período simbolista que representa e denuncia a injusta sociedade escravocrata do Brasil na sua época.

III. A obra *Os sertões*, de Euclides da Cunha, constitui um dos momentos altos do Pré-Modernismo porque dá uma visão agudamente crítica de um Brasil ainda arcaico em linguagem dramaticamente expressiva, embora ainda distante das inovações que viriam a caracterizar a linguagem modernista.

Está correto apenas o que se afirma em:

a) I e II.

b) I e III.

c) I.

d) II e III.

e) III.

7. (UFRGS – RS) A obra *Os sertões*, de Euclides da Cunha, está dividida em três partes: *A terra*, *O homem* e *A luta*. Esses três elementos, no entanto, são interdependentes: a luta do homem em determinada terra.

Assinale a alternativa que exemplifica essa interdependência entre as três partes do livro, nos fragmentos abaixo.

a) Ajusta-se sobre os sertões o cautério das secas; esterilizam-se os ares urentes; empedra-se o chão, gretando, recretado; ruge o nordeste nos ermos; e, como cilício dilacerador, a caatinga estende sobre a terra as ramagens de espinhos...

b) É que nessa concorrência admirável dos povos, envolvendo todos em luta sem tréguas, na qual a seleção capitaliza atributos que a hereditariedade conserva, o mestiço é um intruso.

c) Para todos os rumos e por todas as estradas e em todos os lugares, os escombros carbonizados das fazendas e dos pousos, avultavam, insulando o arraial num grande círculo isolador, de ruínas. Estava pronto o cenário para um emocionante drama da nossa história.

d) [...] as caatingas são um alado incorruptível do sertanejo em revolta. Entram também de certo modo na luta. Armam-se para o combate; agriem. Trançam-se, impenetráveis, ante o forasteiro, mas abrem-se em trilhas multívias, para o matuto que ali nasceu e cresceu.

e) O clima extremava-se em variações enormes: os dias repontavam quermosos, as noites sobrevinham frigidíssimas.

Os sertões

A Serra do Mar tem um notável perfil em nossa história. A prumo sobre o Atlântico desdobra-se como a cortina de baluarte desmedido. De encontro às suas escarpas embatia, fragilíma, a ânsia guerreira dos Cavendish e dos Fenton. No alto, volvendo o olhar em cheio para os chapadões, o forasteiro sentia-se em segurança. Estava sobre ameias intransponíveis que o punham do mesmo passo a cavaleiro do invasor e da metrópole. Transposta a montanha – arqueada como a precinta de pedra de um continente – era um isolador étnico e um isolador histórico. Anulava o apego irreprimível ao litoral, que se exercia ao norte; reduzia-o a estreita faixa de mangues e restingas, ante a qual se amorteciam todas as cobiças, e alteava, sobranceira às frotas, intangível no recesso das matas, a atração misteriosa das minas...

Ainda mais – o seu relevo especial torna-a um condensador de primeira ordem, no precipitar a evaporação oceânica.

Os rios que se derivam pelas suas vertentes nascem de algum modo no mar. Rolam as águas num sentido oposto à costa. Entranham-se no interior, correndo em cheio para os sertões. Dão ao forasteiro a sugestão irresistível das entradas.

A terra atrai o homem; chama-o para o seio fecundo; encanta-o pelo aspecto formosíssimo; arrebatá-lo, afinal, irresistivelmente, na correnteza dos rios.

Daí o traçado eloquentíssimo do Tietê, diretriz preponderante nesse domínio do solo. Enquanto no S. Francisco, no Parnaíba, no Amazonas, e em todos os cursos d'água da borda oriental, o acesso para o interior seguia ao arpejo das correntes, ou embatia nas cachoeiras que tombam dos socos dos planaltos, ele levava os sertanistas, sem uma remada, para o rio Grande e daí ao Paraná e ao Parnaíba. Era a penetração em Minas, em Goiás, em Santa Catarina, no Rio Grande do Sul, no Mato Grosso, no Brasil inteiro. Segundo estas linhas de menor resistência, que definem os lineamentos mais claros da expansão colonial, não se opunham, como ao norte, renteando o passo às bandeiras, a esterilidade da terra, a barreira intangível dos descampados brutos.

Assim é fácil mostrar como esta distinção de ordem física esclarece as anomalias e contrastes entre os sucessos nos dois pontos do país, sobretudo no período agudo da crise colonial, no século XVII.

Enquanto o domínio holandês, centralizando-se em Pernambuco, reagia por toda a costa oriental, da Bahia ao Maranhão, e se travavam recontros memoráveis em que, solidárias, enterreiravam o inimigo comum as nossas três raças formadoras, o sulista, absolutamente alheio àquela agitação, revelava, na rebeldia aos decretos da metrópole, completo divórcio com aqueles lutadores. Era quase um inimigo tão perigoso quanto o batavo. Um povo estranho de mestiços levantadiços, expandindo outras tendências, rioteado por outros destinos, pisando, resoluto, em demanda de outros rumos, bulas e alvarás entibiadores. Volvia-se em luta aberta com a corte portuguesa, numa reação tenaz contra os jesuítas. Estes, olvidando o holandês e dirigindo-se, com Ruiz de Montoya a Madri e Díaz Taño a Roma, apontavam-no como inimigo mais sério.

De feito, enquanto em Pernambuco as tropas de van Schkoppe preparavam o governo de Nassau, em São Paulo se arquitetava o drama sombrio de Guaíra. E quando a restauração em Portugal veio alentar em toda a linha a repulsa ao invasor, congregando de novo os combatentes exaustos, os sulistas frisaram ainda mais esta separação de destinos, aproveitando-se do mesmo fato para estadearem a autonomia franca, no reinado de um minuto de Amador Bueno.

Não temos contraste maior na nossa história. Está nele a sua feição verdadeiramente nacional. Fora disto mal a vislumbremos nas cortes espetaculosas dos governadores, na Bahia, onde imperava a Companhia de Jesus com o privilégio da conquista das almas, eufemismo casuístico disfarçando o monopólio do braço indígena.

8. (UNESP – SP) O escritor se serve, no fragmento apresentado, da alternância de dois tempos verbais, conforme queira diferenciar aspectos propriamente físicos, descritivos, de aspectos de ordem narrativa ou histórica. Releia o primeiro parágrafo do fragmento e identifique os dois tempos verbais que o escritor utiliza com essa finalidade.

9. (UNESP – SP) Representante do Pré-Modernismo brasileiro e um dos maiores nomes de nossa literatura, Euclides da Cunha nos encanta pelo vigor e variedade de seus procedimentos de estilo. Neste sentido, um dos recursos notáveis de *Os sertões* é o das personificações na descrição de acidentes geográficos, que em seu texto parecem dotados de vontade e atitude própria, o que confere bastante dramaticidade a passagens como a apresentada.

Tomando por base este comentário, releia o período que constitui o quarto parágrafo e explique o procedimento da personificação ou prosopopeia que nele ocorre.

10. (UNESP – SP) Um dos aspectos em que Euclides da Cunha busca alguns de seus melhores efeitos é o da adjetivação, que torna seu discurso ao mesmo tempo vário e expressivo, razão pela qual alguns o consideram, comparando-o com poetas ainda ativos em sua época, um "prosador parnasiano". Releia com atenção o último parágrafo do texto apresentado e, a seguir, aponte três dos adjetivos que nele ocorrem.

11. (ESPM – SP) Examine os textos:

[...] Há uma parada instantânea. Entrebatem-se, enredam-se, trançam-se e alteiam-se fisingando vivamente o espaço, e inclinam-se, embaralham-se milhares de chifres. Vibra uma trepidação no solo; e a boiada estoura...

A boiada arranca.

("Os Sertões", de Euclides da Cunha)

As ancas balançam e as vagas de dorsos, das vacas e touros, batendo com as caudas, mugindo no meio, na massa embolada, com atritos de couros, estalos de guampas, estrondos de baques, e o berro queixoso do gado Junqueira, de chifres imensos, com muita tristeza, saudade dos campos, querência dos pastos, de lá do sertão...

("O Burrinho Pedrés", de Guimarães Rosa)

Marque a afirmação INCORRETA sobre os textos apresentados:

- a) Um elemento comum em ambos os fragmentos é a enumeração das ações do rebanho durante a condução da boiada.
- b) Há recursos de musicalidade (aliterações) nas palavras («milhares de chifres. Vibra uma trepidação», «dos pastos, de lá do sertão»).
- c) Guimarães Rosa preocupa-se com o ritmo e a reorganização da linguagem no fragmento.
- d) O interesse principal na obra de Euclides da Cunha é a apresentação lírica dos hábitos sertanejos e a denúncia do sofrimento pelo trabalho exaustivo de vaqueiro.
- e) A ambientação sertaneja e seus elementos caracterizadores estão presentes em ambos os fragmentos, sem preocupação com juízos sociais.

12. (UFRN) Considere o seguinte trecho do conto "O fisco (conto de Natal)", publicado em 1921 e integrante do livro *Negrinha*, de Monteiro Lobato:

Súbito, viu um homem de boné caminhando para o seu lado. Olhou-lhe para as botinas. Sujas. Viria engraxar, com certeza – e o coração bateu-lhe apressado, no tumulto delicioso da estreia. Encarou o homem já a cinco passos e sorriu com infinita ternura nos olhos, num agradecimento antecipado em que havia tesouros de gratidão. Mas em vez de espichar o pé, o homem rosnou aquela terrível interpelação inicial: – Então, cachorrinho, que é da licença?

(LOBATO, Monteiro. *Negrinha*. São Paulo: Globo, 2008, p. 71)

O trecho em destaque apresenta um episódio ocorrido em um parque. No contexto da narrativa, a cena ilustra:

- a) um confronto entre a autoridade constituída e o menino que insiste na desobediência à lei.
- b) um encontro amigável entre o menino engraxate e um cliente.
- c) uma conversa amistosa entre as personagens, de posições sociais distintas.
- d) uma relação de desigualdade entre as personagens, determinada pela força repressiva.

13. (FGV – SP) Este texto foi extraído de um conto de Monteiro Lobato, cujo personagem principal enlouquece, quando vê seu cafezal inteiramente destruído pela geada.

E a geada veio! Não geadinha mansa de todos os anos, mas calamitosa, geada cíclica, trazida em ondas do Sul.

O sol da tarde, mortiço, dera uma luz sem luminosidade, e raios sem calor nenhum. Sol boreal, tiritante. E a noite caíra sem preâmbulos.

Deitei-me cedo, batendo o queixo, e na cama, apesar de enleado em dois cobertores, permaneci entanguido uma boa hora antes que ferrasse no sono. Acordou-me o sino da fazenda, pela madrugada. Sentindo-me enregelado, com os pés a doerem, ergui-me para um exercício violento. Fui para o terreiro.

O relento estava de cortar as carnes – mas que maravilhoso espetáculo! Brancuras por toda a parte. Chão, árvores, gramados e pastos eram, de ponta a ponta, um só atoalhado branco. As árvores imóveis, inteiriçadas de frio, pareciam emersas dum banho de cal. Rebrilhos de gelo pelo chão. Águas envidradas. As roupas dos varais, tesas, como endurecidas em goma forte. As palhas do terreiro, os sabugos de ao pé do cocho, a telha dos muros, o topo dos moirões, a vara das cercas, o rebordo das tábuas – tudo polvilhado de brancuras, lactescente, como chovido por um suco de farinha. Maravilhoso quadro! Invariável que é a nossa paisagem, sempre nos mansos tons do ano inteiro, encantava sobremodo vê-la súbito mudar, vestir-se dum esplendoroso véu de noiva – noiva da morte, ai!...

Monteiro Lobato, O drama da geada, In: *Negrinha*. São Paulo: Brasiliense, 1951.

- a) Em outra passagem do conto, o narrador afirma: “Só então me acudiu que o belo espetáculo que eu até ali só encarara pelo prisma estético tinha um reverso trágico: a morte do heroico fazendeiro”. O que o narrador chama de “prisma estético” pode ser identificado no excerto aqui reproduzido? Justifique sua resposta.
- b) Tendo em vista as variedades linguísticas da língua portuguesa, justifica-se o emprego, no texto, de expressões como “geadinha mansa”, “batendo o queixo” e “ferrasse no sono”? Explique.

- c) As frases nominais podem ser usadas nas descrições esquemáticas. Esse tipo de recurso foi usado no texto? Justifique sua resposta.

14. (UEPA)

Texto I

MEC quer rever veto a livro de Monteiro Lobato

O ministro da Educação, Fernando Haddad, pedirá que (sic) o CNE (Conselho Nacional de Educação) reveja o parecer que recomendou restrições à distribuição do livro “*Caçadas de Pedrinho*”, de Monteiro Lobato, em escolas públicas. O Conselho de Educação quer vetar livro de Monteiro Lobato em escolas.

Como revelou a Folha, o conselho sugeriu que a obra não seja distribuída pelo governo ou, caso isso seja feito, que contenha uma “nota explicativa”, devido a um suposto teor racista.

Haddad disse ter recebido diversas reclamações de educadores e especialistas contra a decisão do CNE. “Foram muitas manifestações para que o MEC afaste qualquer hipótese de censura a qualquer obra”, afirmou.

Ele disse não ver racismo na obra, mas ainda assim não descartou o contexto em que determinada obra foi escrita quando isso for considerado necessário. Para o ministro, qualquer que seja a decisão do CNE, ela deverá valer para todos os livros e não para apenas um específico.

(PINHO, Angela. In: <http://www.substantivoplural.com.br/monteiro-lobato-e-a-proibicao-da-cacada-de-pedrinho/>. Acesso em 09/09/2011)

Texto II

Monteiro Lobato e a proibição da “Caçada de Pedrinho”

Meus amigos e amigas,

Estou muito preocupado com essa proibição ao livro “*Caçadas de Pedrinho*”, escrito por Monteiro Lobato em 1933. Estou aqui com as obras completas do Lobato e já consultei o seu grande biógrafo Edgard Cavalheiro e não vejo razão para essa proibição. Aprendi a gostar de ler com Monteiro Lobato. Li o *D. Quixote das Crianças* do Lobato e nunca mais deixei de ler a grande obra-prima de Cervantes. Vasculhei o céu com Lobato numa “*Viagem ao*

Cêu". Li sobre o explorador Hans Staden e me encantei com *Os Doze Trabalhos de Hércules* recontado por esse grande escritor e editor.

Monteiro Lobato reinventou o Brasil. Em alguns aspectos inventou-o. Foi um grande nacionalista e lutou pelo nosso petróleo e recursos minerais. Foi um grande editor quando no Brasil quase não havia editoras. Um grande tradutor que lutou incansavelmente pelo Brasil. *As Aventuras do Pica-pau Amarelo* foram transportadas para a televisão e ainda hoje encantam gerações de todas as idades.

Com relação à obra proibida "*Caçadas do Pedrinho*", e a justificativa das palavras preconceituosas e estereotipadas "trepas" e "negra", que não ajudariam na educação com base "nos estudos atuais e críticos que discutem a presença de estereótipos raciais na literatura" acho a justificativa sem propósito e um grave atentado contra a livre expressão e ao fazer literário e artístico.

Por isso mesmo meus protestos contra essa agressão a um dos mais criativos e nacionalistas escritores do Brasil. Urubu é negro, macaco trepa; assim como tem gente negra e que trepa. Não vejo razão para colocar a obra num index proibitivo. E são negros os olhos da minha amada. Cacemos Pedrinho! Vou fazer a minha perna de pau e colocar sebo para a onça não pegar.

(MATA, João da. In: <http://www.substantivoplural.com.br/monteiro-lobato-ea-proibicao-da-cacada-de-pedrinho/>. Acessado em 09/09/2011)

Sobre os Textos I e II, é correto afirmar que:

- I. Ambos são contrários a qualquer proibição.
- II. O Texto II afirma que não cabe como livro de formação para crianças.
- III. No Texto I, constata-se, nesse caso, a volta da censura.
- IV. No Texto I, é possível vislumbrar certa defesa a favor da obra em questão.

De acordo com as afirmativas acima, a alternativa correta é:

- a) I e II
- b) I e IV
- c) II e III
- d) III e IV
- e) I e III

15.(ENEM)

Negrinha

Negrinha era uma pobre órfã de sete anos. Preta? Não; fusca, mulatinha escura, de cabelos ruços e olhos assustados.

Nascera na senzala, de mãe escrava, e seus primeiros anos vivera-os pelos cantos escuros da cozinha, sobre velha esteira e trapos imundos. Sempre escondida, que a patroa não gostava de crianças.

Excelente senhora, a patroa. Gorda, rica, dona do mundo, amimada dos padres, com lugar certo na igreja e camarote de luxo reservado no céu. Entaladas as banhas no trono (uma cadeira de balanço na sala de jantar), ali bordava, recebia as amigas e o vigário, dando audiências, discutindo o tempo. Uma virtuosa senhora em suma – "dama de grandes virtudes apostólicas, esteio da religião e da moral", dizia o reverendo.

Ótima, a dona Inácia.

Mas não admitia choro de criança. Ai! Punha-lhe os nervos em carne viva.

[...]

A excelente dona Inácia era mestra na arte de judiar de crianças. Vinha da escravidão, fora senhora de escravos – e daquelas ferozes, amigas de ouvir cantar o bolo e estalar o bacalhau. Nunca se afizera ao regime novo – essa indecência de negro igual.

LOBATO, M. Negrinha. In: MORICONE, I. *Os cem melhores contos brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000 (fragmento).

A narrativa focaliza um momento histórico-social de valores contraditórios. Essa contradição infere-se, no contexto, pela

- a) falta de aproximação entre a menina e a senhora, preocupada com as amigas.
- b) receptividade da senhora para com os padres, mas deslegante para com as beatas.
- c) ironia do padre a respeito da senhora, que era perversa com as crianças.
- d) resistência da senhora em aceitar a liberdade dos negros, evidenciada no final do texto.
- e) rejeição aos criados por parte da senhora, que preferia tratá-los com castigos.

A descoberta da América e a barbárie dos civilizados

– A conquista da América pelos europeus foi uma tragédia sangrenta. A ferro e fogo! Era a divisa dos cristianizadores. Mataram à vontade, destruíram tudo e levaram todo ouro que havia. Outro espanhol, de nome Pizarro, fez no Peru coisa idêntica com os incas, um povo de civilização muito adiantada que lá existia. Pizarro chegou e disse ao imperador inca que o papa havia dado aquele país aos espanhóis e ele viera tomar conta. O imperador inca, que não sabia quem era o papa, ficou de boca aberta, e muito naturalmente não se submeteu. Então Pizarro, bem armado de canhões conquistou e saqueou o Peru.

– Mas que diferença há, vovó, entre estes homens e aquele Átila ou aquele Gengis-Cã que marchou para o ocidente com os terríveis tártaros, matando, arrasando e saqueando tudo? – A diferença única é que a história é escrita pelos ocidentais e por isso torcida a nosso favor. Vem daí considerarmos como *feras* aos tártaros de Gengis-Cã e como *heróis* com monumentos em toda parte, aos célebres “conquistadores” brancos. A verdade, porém, manda dizer que tanto uns como outros nunca passaram de monstros feitos da mesmíssima massa, na mesmíssima forma. Gengis-Cã construiu pirâmides enormes com cabeças cortadas aos prisioneiros. Vasco da Gama encontrou na Índia vários navios árabes carregados de arroz, aprisionou-os, cortou as orelhas e as mãos de oitocentos homens da tripulação e depois queimou os pobres mutilados dentro dos seus navios.

Monteiro Lobato, *História do mundo para crianças*. Capítulo LX

Monteiro Lobato narra a história das civilizações sob um ponto de vista crítico contrário à tradição ocidental, evidenciando as diferenças de comportamento entre as civilizações.

Assinale a opção que exemplifica a disparidade das visões no encontro histórico de civilizações diferentes.

a) Para os que chegavam, o mundo em que entravam era a arena de seus ganhos, em ouro e glórias. Para os índios que ali estavam, nus na praia, o mundo era um luxo de se viver. Este foi o efeito do encontro fatal que ali se dera. Ao longo das praias brasileiras de 1500, se defrontaram, pasmos de se verem uns aos outros tais quais eram, a selvageria e a civilização. Suas concepções, não só diferentes mas opostas, do mundo, da vida, da morte, do amor, se chocaram cruamente. (Darcy Ribeiro, *O povo brasileiro*)

b) – Cá no asfalto, lixam-se para os índios. Tem tudo a ver. Aquele sujeito de bigode, sentado ali, tem tudo a ver. Pois se não conseguimos respeitar a integridade deles, estamos ameaçados. Ninguém exerce, impunemente, a violência. É como cuspir para cima. Se estamos destruindo os índios, é porque nossa brutalidade chegou a um nível perigoso para nós próprios. (Noel Nutels, *apud* Hélio Pellegrino, *Lucidez embriagada*)

c) Deitado na esteira, de boca para cima, o sacerdote Jaguar de Yucatán escutou a mensagem dos deuses. Eles falaram através do telhado, montados sobre sua casa, em um idioma que ninguém entendia.

Chilan Balam, que era boca dos deuses, recordou o que ainda não tinha acontecido:

– Dispersados serão pelo mundo as mulheres que cantam e os homens que cantam e todos os que cantam... (Eduardo Galeano, *Nascimentos*)

d) Pioneiros da conquista do trópico para a civilização, tiveram os portugueses, nessa proeza, sua maior missão histórica. E sem embargo de tudo quanto se possa alegar contra sua obra, forçoso é reconhecer que foram não somente os portadores efetivos como os portadores naturais dessa missão. (Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*)

e) Neste final de século fala-se muito em crise de identidade do sujeito. O homem da sociedade moderna tinha uma identidade bem definida e localizada no mundo social e cultural. Mas uma mudança estrutural está fragmentando e deslocando as identidades culturais de classe, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade. (Stuart Hall, *A identidade cultural na pós-modernidade*)

17. (UEPB) Sobre a obra de Lima Barreto NÃO é correto afirmar:

- a) Sua obra reflete a influência tardia do naturalismo na literatura brasileira, presa a uma abordagem dos personagens condicionada pelo meio, pela raça e pelo momento. Por isso, os pobres em sua obra são necessariamente derrotados, carentes de uma utopia de resistência, submetendo-se com facilidade às imposições dos grandes.
- b) Como poucos em nossa literatura, recusou-se a separar vida e obra, revelando em suas melhores narrativas muito de seu "Diário Íntimo".
- c) Sobre a obra de Lima Barreto, afirmou o crítico Antonio Arnoni Prado: "funde a alusão ficcional, o registro histórico e a notação biográfica".
- d) Sua obra se insere na tradição social da ficção brasileira e dá um passo decisivo na sua consolidação, assumindo muitas vezes um tom satírico e de denúncia.
- e) Seus personagens principais são geralmente pequenos funcionários públicos, donas de casa, desempregados, biscateiros, negociando sua cidadania precária em uma sociedade autoritária e excludente, o Brasil da Primeira República.

18. (FATEC – SP)

Queria evitar, mas me vejo obrigado a falar na literatura da Bruzundanga. É um capítulo dos mais delicados, para tratar do qual não me sinto completamente habilitado. Dissertar sobre uma literatura estrangeira supõe, entre muitas, o conhecimento de duas cousas primordiais: ideias gerais sobre literatura e compreensão fácil do idioma desse povo estrangeiro. Eu cheguei a entender perfeitamente a língua da Bruzundanga, isto é, a língua falada pela gente instruída e a escrita por muitos escritores que julguei excelentes; mas aquela em que escreviam os literatos importantes, solenes, respeitados, nunca consegui entender, porque redigem eles as suas obras, ou antes, os seus livros, em outra muito diferente da usual, outra essa que consideram como sendo a verdadeira, a lídima, justificando isso por ter feição antiga de dous séculos ou três.

Quanto mais incompreensível é ela, mais admirado é o escritor que a escreve, por todos que não lhe entenderam o escrito. Lembrei-me, porém, de que as minhas notícias daquela distante

república não seriam completas, se não desse algumas informações sobre as suas letras e resolvi vencer a hesitação imediatamente, como agora venço. A Bruzundanga não podia deixar de tê-las, pois todo o povo, tribo, clã, todo o agregado humano, enfim, tem a sua literatura, e o estudo dessas literaturas muito tem contribuído para nós nos conhecermos a nós mesmos, melhor nos compreendermos e mais perfeitamente nos ligarmos em sociedade, em humanidade, afinal.

Continuemos, porém, na Bruzundanga. Nela, há a literatura oral e popular de cânticos, hinos, modinhas, fábulas, etc.; mas todo esse *folk-lore* não tem sido coligido e escrito, de modo que, dele, pouco lhes posso comunicar. Porém, um canto popular que me foi narrado com todo o sabor da ingenuidade e dos modismos peculiares ao povo, posso reproduzir aqui, embora a reprodução não guarde mais aquele encanto de frase simples e imagens familiares das anônimas narrações das coletividades humanas.

(Lima Barreto. *Os Bruzundangas*.)

Assinale a alternativa em que os verbos empregados no texto estão associados pela ideia de dizer, enunciar.

- a) Falar em; dissertar sobre; sentenciar.
- b) Tratar de; redigir; entender.
- c) Escrever; evitar; julgar.
- d) Narrar; informar; coligir.
- e) Comunicar; compreender; conseguir.

Texto para as questões 19 e 20.

Não era feio o lugar, mas não era belo. Tinha, entretanto, o aspecto tranquilo e satisfeito de quem se julga bem com a sua sorte. A casa erguia-se sobre um socalco, uma espécie de degrau, formando a subida para a maior altura de uma pequena colina que lhe corria nos fundos. Em frente, por entre os bambus da cerca, olhava uma planície a morrer nas montanhas que se viam ao longe; um regato de águas paradas e sujas cortava-as paralelamente à testada da casa; mais adiante, o trem passava vincando a planície com a fita clara de sua linha campinada [...].

BARRETO, Lima. *Triste fim de Polcarpo Quaresma*. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras. p. 175.

19.(UEG – GO) Com relação ao tempo narrativo, nota-se que a utilização do pretérito imperfeito

- a) aproxima o material narrado do universo contemporâneo do leitor.
- b) confere ao texto um caráter dual, que oscila entre o lírico e o metafórico.
- c) faz com que o tempo da narrativa se distancie, até certo ponto, do tempo do leitor.
- d) torna o texto mais denso de significação, na medida em que institui lacunas temporais.

20.(UEG – GO) No excerto, narração e descrição

- a) são elaboradas com a finalidade de conferir mais agilidade e maior dinamismo à trama do romance.
- b) são elaboradas de modo que uma se sobrepõe à outra, o que faz decair a qualidade estética do texto.
- c) se configuram para melhor caracterizar a atmosfera pessimista e sombria do espaço da narrativa.
- d) se entrelaçam para melhor situar o leitor diante dos eventos que compõem o enredo.

21.(UEPB) Considere as afirmações:

- I. Ambientando suas obras preferencialmente na capital do país, o Rio de Janeiro, Lima Barreto criou uma constelação de tipos humanos e de suas relações, antecipando-se a uma visão multiétnica e multicultural do país.
 - II. O Rio de Janeiro de Lima Barreto é uma cidade em transformação, um turbilhão político-cultural, onde a nascente cultura de massa, sobretudo música e cinema, aliada à imigração, também em massa, e às novas demandas advindas da abolição, são importantes não só para mudar a face do país, mas também de sua literatura.
 - III. Lima Barreto foi sem dúvida um dos grandes cronistas da Primeira República. Em sua obra, que contém praticamente todos os gêneros narrativos, romance, conto, crônica, anedota, põe em cena muitos dos personagens históricos de seu tempo.
- a) Nenhuma está correta.
 - b) Apenas II e III estão corretas.
 - c) Apenas I e II estão corretas.
 - d) Apenas I está correta.
 - e) Todas estão corretas.

22.(PUCRS) Leia o trecho de uma crônica de Lima Barreto e responda às questões.

Eu também sou candidato a deputado. Nada mais justo. Primeiro: eu não pretendo fazer coisa alguma pela Pátria, pela família, pela humanidade. Um deputado que quisesse fazer qualquer coisa dessas, ver-se-ia bambo, pois teria, certamente, os duzentos e tantos espíritos dos seus colegas contra ele. Contra as suas ideias levantar-se-iam duas centenas de pessoas do mais profundo bom senso. Assim, para poder fazer alguma coisa útil, não farei coisa alguma, a não ser receber o subsídio. Eis aí em que vai consistir o máximo da minha ação parlamentar, caso o preclaro eleitorado sufrague o meu nome nas urnas. Recebendo os três contos mensais, darei mais conforto à mulher e aos filhos, ficando mais generoso nas facadas aos amigos. Desde que minha mulher e os meus filhos passem melhor de cama, mesa e roupas, a humanidade ganha. Ganha, porque, sendo eles parcelas da humanidade, a sua situação melhorando, essa melhoria reflete sobre o todo de que fazem parte. [...] Razões tão ponderosas e justas, creio, até agora, nenhum candidato apresentou, e espero da clarividência dos homens livres e orientados o sufrágio do meu humilde nome, para ocupar uma cadeira de deputado, por qualquer Estado, província ou emirado, porque, nesse ponto, não faço questão alguma. Às urnas.

("O novo manifesto", *Vida urbana*, Rio, 16/1/1915)

Com base no excerto e em seu contexto, preencha os parênteses com V para verdadeiro e F para falso.

- () Elaborada para ser publicada na mídia impressa ou na internet, a crônica é um gênero que se abastece dos fatos do cotidiano, e por isso pode perder a atualidade com o passar do tempo, situação que ocorre em "O novo manifesto".
- () O texto, com forte viés autobiográfico, trabalha com a função de linguagem apelativa, uma vez que o cronista tenta convencer o leitor a ir às urnas e votar nele, que aqui manifesta suas intenções reais em usufruir a vida de político.

- () Outra característica da crônica em geral é a linguagem coloquial, traço que pouco aparece em "O novo manifesto", cujo estilo e composição procuram reproduzir a oratória do discurso político.
- () Toda a lógica na construção do discurso de convencimento do narrador ao eleitorado/leitor parte de uma premissa de benefício próprio.

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é

- a) V – F – V – F
- b) F – F – V – V
- c) F – V – V – V
- d) V – F – F – F
- e) F – V – F – V

23. (UFU – MG) Leia o trecho seguinte, de *Triste fim de Polcarpo Quaresma*, que reproduz um diálogo de Ricardo Coração dos Outros com Quaresma e D. Adelaide.

– Oh! Não tenho nada novo, uma composição minha. O Bilac – conhecem? – quis fazer-me uma modinha, eu não aceitei; você não entende de violão, Seu Bilac. A questão não está em escrever uns versos certos que digam coisas bonitas; o essencial é achar-se as palavras que o violão pede e deseja. [...]
 – [...] vou cantar a Promessa, conhecem?
 – Não – disseram os dois irmãos.
 – Oh! Anda por aí como as 'Pombas' do Raimundo."

Lima Barreto. "Triste fim de Polcarpo Quaresma".

Parta do trecho lido para marcar a alternativa INCORRETA.

- a) Olavo Bilac e Raimundo Correia deram vazão à sensibilidade pessoal, evitando como compromisso único o esmero técnico e produziram uma poesia lírica amorosa e sensual (Olavo Bilac), marcada por uma certa inquietação filosófica (Raimundo Correia).
- b) Bilac (Olavo Bilac), Raimundo (Raimundo Correia) e Alberto de Oliveira formaram a "tríade parnasiana" da literatura brasileira, escrevendo uma poesia de grande qualidade técnica, que concebia a atividade poética como a habilidade no manejo do verso.

c) O Parnasianismo, pela supervalorização da linguagem preciosa, pela busca da palavra exata, do emprego da rima rica e da métrica perfeita, foi um estilo literário de curta duração que se restringiu à elite literária do Rio de Janeiro.

d) Assim como Ricardo, que deseja "a palavra que o violão pede", Lima Barreto acreditava que a linguagem literária clássica, formal, não era adequada para o tipo de literatura que produzia: marcada pela visão crítica, pela objetividade da denúncia, pela simplicidade comunicativa.

24. (UFPE) Lima Barreto foi uma das figuras mais contraditórias e controversas da literatura brasileira do início do século XX. Sobre sua obra, podemos dizer o que segue.

- () Seu conto, *o Homem que sabia Javanês*, é um relato mordaz sobre um trapaceiro que se passa por tradutor de um idioma exótico.
- () O autor foi um dos pioneiros no uso do estilo jornalístico na literatura. Com linguagem objetiva e informal, descreve com clareza e simplicidade o cotidiano das classes desfavorecidas, às quais pertencia.
- () Nos seus escritos, denuncia os problemas políticos e os preconceitos sociais de seu tempo, que ele, como mulato pobre, vivenciou.
- () Em seu livro mais famoso, *Triste fim de Polcarpo Quaresma*, Lima Barreto foca a vida de uma personagem cujo nacionalismo beira a xenofobia. Por trás disso, faz uma grande crítica à política da República Velha.
- () O romancista transforma o Marechal Floriano Peixoto num grande herói nacional em *Triste fim de Polcarpo Quaresma*, atribuindo-lhe um caráter magnânimo e superior.

25. (UEM – PR) Assinale o que for correto sobre o romance *Triste fim de Polcarpo Quaresma*, de Lima Barreto, levando em consideração, também, o fragmento que segue.

"Polcarpo era patriota. Desde moço, aí pelos vinte anos, o amor da Pátria tomou-o todo inteiro. Não fora o amor comum, palrador e vazio; fora um sentimento sério, grave e absorvente. Nada de ambições políticas ou administrativas; o que Quaresma pensou, ou

melhor: o que o patriotismo o fez pensar, foi num conhecimento inteiro do Brasil, levando-o a meditações sobre os seus recursos, para depois então apontar os remédios, as medidas progressivas, com pleno conhecimento de causa.”

BARRETO, Lima. *Triste fim de Polícarpo Quaresma*. 14. ed. São Paulo: Ática, 1995, p. 22.

Vocabulário

Palrador: que ou o que palra, falador, tagarela.

- (01) O romance é representativo do Romantismo, estilo de época caracterizado pela valorização da cor local, da paisagem, da gente brasileira, da sua capacidade de progredir e se desvencilhar política, espiritual, social e literariamente da influência de Portugal.
- (02) A ideologia que subjaz à escritura do romance pressupõe, da parte do autor, um nacionalismo crítico capaz de olhar o país por um viés lúcido, denunciando-lhe as mazelas sociais, sobretudo aquelas relacionadas aos interesses políticos vestidos de patriotismo.
- (04) O protagonista do romance é construído como um patriota ingênuo, capaz de acreditar que seria possível reformar o Brasil, a partir de aspectos que considera fundamentais, como a cultura, a agricultura e a política. Esses aspectos são correspondentes a empreitadas suas fadadas ao fracasso, já que erigidas sobre alicerces utópicos que não encontram referencial na realidade concreta e no interesse das autoridades, em cujas mãos está o poder.
- (08) O “triste fim” do protagonista, referido no título do romance, remete à ideia trágica que marca o malogro de seu projeto inicial: o de reformar o país. Em vez de levar adiante a defesa de seus valores nacionalistas, acaba corrompido pela ideologia dominante, aliando-se aos poderosos para obter vantagens e sair da penúria financeira.
- (16) O fragmento transcrito ilustra a concepção de linguagem literária adotada e defendida pelos escritores renovadores do período em que se insere o romance. Trata-se de uma linguagem simples, direta, objetiva, próxima ao falar cotidiano e/ou à linguagem característica do texto jornalístico.

26. (UNIFESP) Leia o trecho de *Triste fim de Polícarpo Quaresma*, de Lima Barreto, para responder às questões seguintes:

Durante os lares burocráticos, estudou, mas estudou a Pátria, nas suas riquezas naturais, na sua história, na sua geografia, na sua literatura e na sua política. Quaresma sabia as espécies de minerais, vegetais e animais que o Brasil continha; sabia o valor do ouro, dos diamantes exportados por Minas, as guerras holandesas, as batalhas do Paraguai, as nascentes e o curso de todos os rios.

[...]

Havia um ano a esta parte que se dedicava ao tupi-guarani. Todas as manhãs, antes que a “Aurora com seus dedos rosados abrisse caminho ao louro Febo”, ele se acaçava até ao almoço com o Montoya, “Arte y diccionario de la lengua guarani ó más bien tupi”, e estudava o jargão caboclo com afinco e paixão. Na repartição, os pequenos empregados, amanuenses e escreventes, tendo notícia desse seu estudo do idioma tupini-quim, deram não se sabe por que em chamá-lo – Ubirajara. Certa vez, o escrevente Azevedo, ao assinar o ponto, distraído, sem reparar quem lhe estava às costas, disse em tom chocarreiro: “Você já viu que hoje o Ubirajara está tardando?”

Quaresma era considerado no Arsenal: a sua idade, a sua ilustração, a modéstia e honestidade do seu viver impunham-no ao respeito de todos. Sentindo que a alcunha lhe era dirigida, não perdeu a dignidade, não prorrompeu em doestos e insultos. Endireitou-se, consertou o seu “pince-nez”, levantou o dedo indicador no ar e respondeu:

– Senhor Azevedo, não seja leviano. Não queira levar ao ridículo aqueles que trabalham em silêncio, para a grandeza e a emancipação da Pátria.

Vocabulário:

amanuenses: escreventes;

doestos: injúrias.

Examine a frase:

"Havia um ano a esta parte que se dedicava ao tupi-guarani."

- a) No conjunto da obra, que relação há entre nacionalismo e o estudo de tupi-guarani?
- b) Quanto ao sentido, explique o emprego da forma verbal "dedicava" e justifique sua resposta com uma expressão presente no texto.

27. (UTFPR)

Entrevistador: Vamos falar de um escritor que você ressuscitou [...]: Lima Barreto.

João Antônio: [...] Ele é excelente do ponto de vista político, do ponto de vista econômico e do ponto de vista de uma administração brasileira. Um mulato que pagou caro pelo talento que teve, ainda mais porque assumiu a sua condição de negro, enfrentou todos os percalços e dificuldades que isso impunha, e fez uma obra simplesmente, a meu ver, única no Brasil. Não ficou apenas no BELETRISMO, numa época em que o beletrismo era moda e quase obrigação. [...]

Entrevistador: Quais outros autores você admira, e que influenciaram ou não em sua formação literária?

João Antônio: Os autores que me deram alguma coisa, dos brasileiros, foram aqueles autores que se distinguiram por uma oposição de coragem diante da literatura, não somente por fazerem uma FATURA estética de alto valor, mas também por buscar caminhos cujo EPICENTRO é o homem brasileiro. Manuel Antônio de Almeida, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Lima Barreto, gente para qual a literatura não teve um minuto que significasse brinquedo, a literatura não era pó de vaidade, ela era objetivo na vida. E não se pense que em algum momento eles quiseram destruir o homem brasileiro, pelo contrário, eles quiseram compreender e expô-lo e ver se melhora alguma coisa em torno desse homem. Esse é o objetivo de qualquer literatura que se preze.

O [sub]mundo de João Antônio. Entrevista publicada em setembro de 1975, na revista *Crítica*, em *Leão de chácara*, São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

Segundo João Antônio, Manuel Antônio de Almeida, Graciliano Ramos, José Lins do Rego e Lima Barreto são autores que o influenciaram:

- a) pela qualidade de seus textos estéticos e pela atuação como políticos em partidos de esquerda.
- b) porque escreviam na norma culta, tentavam compreender o que é literatura e não eram vaidosos.
- c) pela qualidade de seus textos, com relação à utilização da linguagem, pela denúncia e crítica social da situação do brasileiro.
- d) pelo tom elevado da linguagem em suas obras e sua participação na Academia Brasileira de Letras.
- e) pelo vocabulário requintado e reconhecimento do público, manifesto pela compra de livros.

28. (UEL – PR)

"Não era ele o seu grande eleitor? Não era ele o seu banqueiro para os efeitos eleitorais? E nós, lá na roça, tínhamos quase convicção de que o verdadeiro deputado era o coronel e o doutor Castro um simples preposto seu. As minhas idas e vindas ao hotel repetiam-se e não o encontrava. Vinham-me então os terrores sombrios da falta de dinheiro, da falta absoluta. Voltava para o hotel taciturno, preocupado, corado de angústias. Sentia-me só, só naquele grande e imenso formigueiro humano, só, sem parentes, sem amigos, sem conhecidos que uma desgraça pudesse fazer amigos. Os meus únicos amigos eram aquelas notas sujas encardidas; eram elas o meu único apoio, eram elas que me evitavam as humilhações, os sofrimentos, os insultos de toda sorte; e quando eu trocava uma delas, quando as dava ao condutor do bonde, ao homem do café, era como se perdesse um amigo, era como se me separasse de uma pessoa bem amada... Eu nunca compreendi tanto a avareza como naqueles dias em que dei alma ao dinheiro, e o senti tão forte para os elementos da nossa felicidade externa e interna."

(BARRETO, Lima. *Recordações do escrivo Isaias Caminha*. Rio de Janeiro: Garnier, 1989 p. 52-53.)

Sobre o excerto de Lima Barreto, é correto afirmar:

- a) O personagem se sente só, mesmo tendo como amigos o coronel e o doutor Castro.

- b) A solidão era compensada com o apego ao dinheiro e ao consumo.
- c) Estar só, para o personagem, deixava de ser traumatizante sempre que retornava ao hotel.
- d) O personagem compreendeu a avareza quando antropomorfizou o dinheiro.
- e) O personagem, em sua avareza, sentia-se mal ao ter de se desfazer de seu dinheiro.

29.(ENEM)

Psicologia de um vencido

Eu, filho do carbono e do amoníaco,
Monstro de escuridão e rutilância,
Sofro, desde a epigênese da infância,
A influência má dos signos do zodíaco.

Profundissimamente hipocondríaco,
Este ambiente me causa repugnância...
Sobe-me à boca uma ânsia análoga à ânsia
Que se escapa da boca de um cardíaco.

Já o verme – este operário das ruínas –
Que o sangue podre das carnificinas
Come, e à vida em geral declara guerra,

Anda a espreitar meus olhos para roê-los,
E há de deixar-me apenas os cabelos,
Na frialdade inorgânica da terra!

ANJOS, A. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

A poesia de Augusto dos Anjos revela aspectos de uma literatura de transição designada como pré-modernista.

Com relação à poética e à abordagem temática presentes no soneto, identificam-se marcas dessa literatura de transição, como

- a) a forma do soneto, os versos metrificados, a presença de rimas e o vocabulário requintado, além do ceticismo, que antecipam conceitos estéticos vigentes no Modernismo.
- b) o empenho do eu lírico pelo resgate da poesia simbolista, manifesta em metáforas como "Monstro de escuridão e rutilância" e "Influência má dos signos do zodíaco".
- c) a seleção lexical emprestada ao cientificismo, como se lê em "carbono e amoníaco", "epigênese da infância" e "frialdade inorgânica", que restitui a visão naturalista do homem.

- d) a manutenção de elementos formais vinculados à estética do Parnasianismo e do Simbolismo, dimensionada pela inovação na expressividade poética, e o desconcerto existencial.
- e) a ênfase no processo de construção de uma poesia descritiva e ao mesmo tempo filosófica, que incorpora valores morais e científicos mais tarde renovados pelos modernistas.

30.(UNIFESP)

Apóstrofe à carne

Quando eu pego nas carnes do meu rosto,
Pressinto o fim da orgânica batalha:
– Olhos que o húmus necrófago estraçalha,
Diafragmas, decompondo-se, ao sol-posto.

E o Homem – negro e heteróclito composto,
Onde a alva flama psíquica trabalha,
Desagrega-se e deixa na mortalha
O tacto, a vista, o ouvido, o olfato e o gosto!

Carne, feixe de mônadas bastardas,
Conquanto em flâmeo fogo efêmero ardas,
A dardejar relampejantes brilhos,

Dói-me ver, muito embora a alma te acenda,
Em tua podridão a herança horrenda,
Que eu tenho de deixar para os meus filhos!

(Augusto dos Anjos *Obra completa*, 1994.)

No soneto de Augusto dos Anjos, é evidente

- a) a visão pessimista de um "eu" cindido, que desiste de conhecer-se, pelo medo de constatar o já sabido de sua condição humana transitória.
- b) o transcendentalismo, uma vez que o "eu" desintegrado objetiva alçar voos e romper com um projeto de vida marcado pelo pessimismo e pela tortura existencial.
- c) a recorrência a ideais deterministas que impulsionam o "eu" a superar seus conflitos, rompendo um ciclo que naturalmente lhe é imposto.
- d) a vontade de se conhecer e mudar o mundo em que se vive, o que só pode ser alcançado quando se abandona a desintegração psíquica e se parte para o equilíbrio do "eu".

- e) o uso de conceitos advindos do cientificismo do século XIX, por meio dos quais o poeta mergulha no "eu", buscando assim explorar seu ser biológico e metafísico.

31. (ENEM)

Texto 1

O Morcego

Meia-noite. Ao meu quarto me recolho.
Meu Deus! E este morcego! E, agora, vede:
Na bruta ardência orgânica da sede,
Morde-me a goela ígneo e escaldante molho.
"Vou mandar levantar outra parede..."
Digo. Ergo-me a tremer. Fecho o ferrolho
E olho o teto. E vejo-o ainda, igual a um olho,
Circularmente sobre a minha rede!
Pego de um pau. Esforços faço. Chego
A tocá-lo. Minh'alma se concentra.
Que ventre produziu tão feio parto?!
A Consciência Humana é este morcego!
Por mais que a gente faça, à noite, ele entra
Imperceptivelmente em nosso quarto!

ANJOS, A. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1994.

Texto 2

O lugar-comum em que se converteu a imagem de um poeta doentio, com o gosto do macabro e do horroroso, dificulta que se veja, na obra de Augusto dos Anjos, o olhar clínico, o comportamento analítico, até mesmo certa frieza, certa impessoalidade científica.

CUNHA, F. *Romantismo e modernidade na poesia*. Rio de Janeiro: Catedra, 1988 (adaptado)

Em consonância com os comentários do texto 2 acerca da poética de Augusto dos Anjos, o poema *O morcego* apresenta-se, enquanto percepção do mundo, como forma estética capaz de

- a) reencantar a vida pelo mistério com que os fatos banais são revestidos na poesia.
- b) expressar o caráter doentio da sociedade moderna por meio do gosto pelo macabro.
- c) representar realisticamente as dificuldades do cotidiano sem associá-lo a reflexões de cunho existencial.

- d) abordar dilemas humanos universais a partir de um ponto de vista distanciado e analítico acerca do cotidiano.

- e) conseguir a atenção do leitor pela inclusão de elementos das histórias de horror e suspense na estrutura lírica da poesia.

32. (UFRGS – RS) Leia o poema a seguir, intitulado "A Idela", de Augusto dos Anjos.

"De onde ela vem? De que matéria bruta
Vem essa luz que sobre as nebulosas
Cai de incógnitas criptas misteriosas
Como as ¹estalactites duma gruta?!"

Vem da psicogenética e alta luta
Do feixe de ²moléculas nervosas,
Que, em desintegrações maravilhosas,
Delibera, e depois, quer e executa!
Vem do encéfalo absconso que a constribe,
Chega em seguida às cordas da laringe,
Tísica, tênue, mínima, raquítica...

Quebra a força centrípeta que a amarra,
Mas, de repente, e quase morta, esbarra
No mulambo da língua parálitica!"

Assinale a alternativa correta sobre esse poema.

- a) A Interrogação Inicial expressa o apego do poeta aos temas sentimentais do Romantismo no Brasil.
- b) A linguagem, rica de imagens, utiliza um vocabulário científico para abordar uma questão filosófica.
- c) O emprego de palavras como "estalactites" (ref. 1) e "moléculas" (ref. 2) mostra uma inadequação entre a linguagem científica e o conteúdo do poema.
- d) O poeta adota a forma do soneto, porém rompe com o temário cientificista dominante no seu tempo.
- e) No primeiro quarteto, as palavras "nebulosas" e "misteriosas" constituem rimas pobres, retomadas no segundo quarteto pelas palavras "nervosas" e "maravilhosas".

Vanguardas europeias

LatinStock/Corbis



Imagem de Nova York, no início do século XX – O espírito moderno definiu novos parâmetros sociais, políticos, econômicos e humanos. Foi a partir das vanguardas que proliferaram ao longo do século XX que nosso jeito de pensar, sentir e agir foi se delineando.



Ponto de partida

1. A imagem retrata uma paisagem. Como você definiria essa paisagem?
2. Em que medida essa paisagem retrata o mundo moderno?
3. Apesar de não ser possível observar pessoas na fotografia, pode-se afirmar que o elemento humano está ali impregnado. Você concorda com essa afirmação? Justifique seu ponto de vista utilizando elementos presentes na fotografia.

Objetivos da unidade:

- conhecer as manifestações de renovação estética nos primeiros 30 anos do século XX;
- conhecer alguns dos movimentos de vanguarda artística, suas histórias e suas principais propostas;
- conhecer o Modernismo em Portugal;
- estudar a Semana de Arte Moderna entendendo-a como o marco zero do Modernismo brasileiro.

Conexões

Leia uma tela pintada por um dos principais artistas do século XX: Pablo Picasso. *Les Femmes d'Alger (O Versão O)* foi criada, em 1907, como resultado das pesquisas do pintor sobre a representação de planos diversos no espaço da pintura. Essas ideias de Picasso formaram a base do estilo cubista, que se tornará um dos movimentos mais importantes da arte no século XX.



Pablo Picasso nasceu em Málaga, Espanha, em 1881. É considerado um dos mais importantes artistas do século XX. Foi pintor, escultor, ceramista, cenógrafo, poeta e dramaturgo. Foi um dos fundadores do Cubismo: linguagem artística que tratava as formas da natureza por meio de figuras geométricas sobrepostas na composição em um único plano. Morreu em 1973.

PICASSO, Pablo. *Les Femmes d'Alger (O Versão O)*. 1907. Óleo sobre tela, color., 243,9 cm x 233,7 cm. Museu de Arte Moderna, Nova York.

1. Descreva essa obra de Pablo Picasso destacando:

- a) as imagens representadas;
- b) a utilização das cores;
- c) o modo como se organizam as linhas;
- d) sua relação com a realidade.

2. Selecione, das afirmações abaixo, aquela que não corresponde a uma análise da pintura *Les Femmes d'Alger (O Versão O)*.

- a) Essa obra é uma ruptura das tradições e convenções visuais ao trazer cinco figuras femininas representadas de forma cubista.
- b) Um dos aspectos que chama a atenção nessa pintura é o procedimento de geometrização das figuras femininas.
- c) As cores quentes que compõem o fundo da tela sugerem ser essa pintura uma representação de um cenário tropical.
- d) Essa obra mostra que, com o surgimento da modernidade, a arte deixou de ser cópia ou simples ilustração do que pode ser entendido como real.

3. A pintura apresenta cinco figuras femininas submetidas a uma estilização geométrica cujos corpos angulosos e desprovidos de detalhes mostram-se fragmentados.

Sobre a leitura da tela, pode-se afirmar que

- essa justaposição de perspectivas foi uma solução encontrada pelo pintor para expor os múltiplos pontos de vista sobre um conjunto de objetos (de frente, em diagonal e de costas) ao mesmo tempo.
- dialoga com algumas preocupações científicas que existiam nessa época (passagem do século XIX para o XX) que se refere à representação dos objetos em planos diferentes.

☒ a) As duas afirmações estão corretas.

c) Somente a segunda informação é correta.

b) Somente a primeira informação é correta.

d) Nenhuma das informações está correta.

4. A obra *Les Femmes d'Alger* é considerada pela crítica uma das obras que inauguraram a arte moderna. A seguir, observe a reprodução de outra obra, quase da mesma época que a de Picasso, que também representa o feminino.

Pinacoteca do Estado de São Paulo



ALBUQUERQUE, Georgina de. *Dama*. 1906. 1 óleo sobre tela, color., 91 cm x 73 cm. Pinacoteca do Estado de São Paulo.

→ Posição estática da foto

- a) Considerando os itens descritos por você na atividade 1 em relação à obra *Les Femmes d'Alger*, indique quatro diferenças entre a obra de Picasso e a de Georgina de Albuquerque.

Impressionismo, Picasso, cubismo;

Picasso: estilo vanguarda; figuras geométricas

Georgina: tema tradicional; representação realista

- b) Comparando as duas obras, em sua opinião, por que a pintura de Picasso pode ser considerada moderna, levando em consideração o fato de que as duas obras têm apenas um ano de diferença?

Ruptura com o tradicionalismo; linguagem abstrata e moderna

como o tema da mulher

Acontecia

Contexto europeu e surgimento das vanguardas

As transformações sociais que estavam em curso desde a segunda metade do século XIX favoreceram o surgimento de manifestações estéticas que provocaram uma ruptura com as formas de representação fundadas em uma tradição que tinha como ponto inicial a arte renascentista. Dessa ruptura surgiram os movimentos de vanguarda e os modernismos que constituíram a literatura do século XX até nossos dias.

As nações europeias estabeleciam alianças entre si, e esses arranjos políticos colocaram em confronto novos

Originalmente, a palavra **vanguarda** tem sua raiz no francês *avant-garde*, que era a parte do pelotão de soldados que caminhava à frente dos demais. No início do século XX, esse termo passou a ter dois usos: o primeiro, na designação das lideranças políticas (os "partidos de vanguarda"), o segundo, para nomear lideranças artísticas e culturais que não se identificavam com os modelos preestabelecidos. Dessa forma, a ideia de vanguarda serviu de qualificação para os artistas experimentais, que buscavam novas formas de expressão distantes do que lhes ofereciam os códigos tradicionais.

Advento da Modernidade
e 1ª Guerra Mundial

agentes econômicos e sociais em busca de poder nas decisões sobre os rumos das negociações. Os avanços ininterruptos da produção industrial, a noção de progresso como uma ideologia que estimulava e fortalecia o liberalismo e a recusa pelo tradicionalismo (que passou a ser associado à noção de algo ultrapassado) foram os ingredientes que abriram espaços na sólida estrutura social conservadora em alguns países europeus.

A realidade desse momento histórico, contraditória e incerta, estimulava a alternância de estados de espírito, mesclando euforia e desencanto. Toda profunda alteração do sentido da história – que foi se firmando pelos processos de transformação socioeconômica e pelas crises na ordem política, que revelavam, em seu conjunto, um mundo que se decompunha – gerou diferentes debates sobre o papel da arte, dos artistas e dos intelectuais ligados à arte na nova ordem social e política.

o contexto histórico

o movimento

o vanguardismo

Olhar literário

Vanguardas e seus manifestos

Cada um dos movimentos de vanguarda surgidos nas primeiras décadas do século XX tinha um projeto estético próprio. Contudo, havia entre eles algumas marcas comuns, como a crítica à arte academicista (que valorizava a representação "fotográfica" da realidade, o vocabulário erudito, a imitação da natureza, o olhar para o passado, o pouco espaço para a improvisação, a linearidade, o figurativismo, etc.), ao conservadorismo nas atitudes e à reprodução de modelos preestabelecidos.

A seguir, conheça algumas das principais ideias de cinco importantes movimentos de vanguarda artística que surgiram no início do século XX.

Futurismo

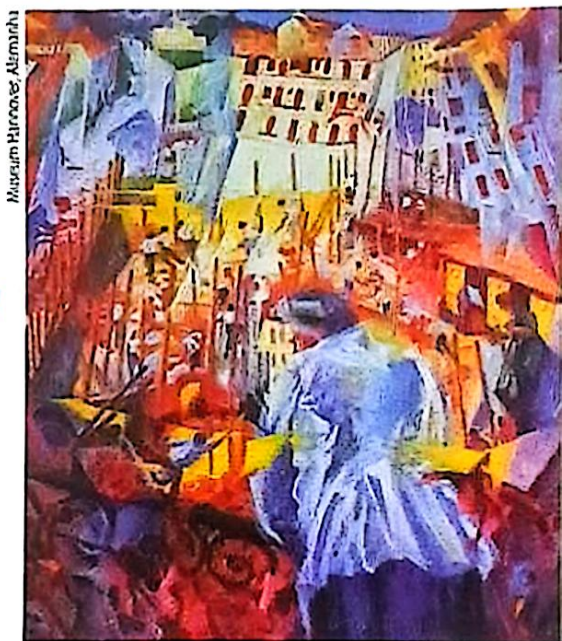
O Futurismo surgiu na Itália em 1909 e seu líder foi o Italo-francês Filippo Tommaso Marinetti (1876-1944). Esse movimento defendia um comportamento radical em relação à cultura considerada "tradicional": sob o slogan "Abaixo os museus!", os futuristas eram admiradores da modernidade no que diz respeito aos avanços tecnológicos e ao convívio em meio ao ambiente urbano. Em sua temática, elementos como a velocidade, o ruído e as multidões se mesclam ao elogio à guerra e à destruição de monumentos e obras de arte que simbolizam o passado.

Como aconteceu com várias tendências de vanguarda, o Futurismo se envolveu em questões políticas de seu tempo. Na Itália, por exemplo, os futuristas aderiram ao fascismo de Benito Mussolini.

Do ponto de vista literário, o Futurismo pregava o uso dos versos livres, a destruição da sintaxe convencional e a recusa em utilizar adjetivos e advérbios nos poemas. Em seus manifestos, muitas vezes se via a utilização de palavras agressivas, como forma de expressar um comportamento violento em oposição à atitude conformada, passiva, da arte oficial assumida pela burguesia.

Durante um tempo, ser futurista era, em países como o Brasil, o mesmo que ser modernista. Aliás, muitos críticos que eram contrários ao Modernismo brasileiro passaram a se referir aos jovens intelectuais e artistas ligados ao movimento do Modernismo como "futuristas".

A obra intitulada *A rua entra na casa*, de 1911, de Umberto Boccioni, é um exemplo de pintura futurista.



BOCCIONI, Umberto. *A rua entra na casa*. 1911. Óleo sobre tela, color., 100 cm x 100 cm. Sprengel Museum Hannover, Alemanha.

Alguns aspectos estéticos fundamentais do Futurismo podem ser vistos nessa tela, a exemplo da sugestão de movimento, dando a sensação no leitor de que o mundo como um todo se move sob o olhar da mulher que observa a rua. O leitor da tela se coloca como se também estivesse integrado a esse cenário, que rompe com a noção de imobilismo típico da pintura tradicional. O uso das cores reforça a quebra dos conceitos de equilíbrio e harmonia, tão importantes para a pintura tradicional.

Cubismo

Surgido do processo de experimentação na pintura de Pablo Picasso e Georges Braque (1882-1963) sobre a representação multidimensional dos objetos (registro simultâneo de várias dimensões a partir das quais um mesmo objeto pode ser observado), o Cubismo foi uma das estéticas mais importantes do início do século XX.

A estética cubista, além das artes plásticas, se voltava para a produção literária. Para o poeta Guillaume Apollinaire, a arte deveria deixar de lado sua preocupação com a cópia e com o academicismo para tornar-se livre. A liberdade em todos os âmbitos é, para os vanguardistas, sempre um dos objetivos da arte e da literatura.

A obra a seguir, intitulada *Guernica*, demonstra a dimensão contestatória do cubismo.



PICASSO, Pablo. *Guernica*. 1937. 1 óleo sobre tela, color., 776 cm x 349 cm. Museu Nacional Centro de Arte Reina Sofía, Madri.

Em 1937, Picasso pinta *Guernica*, uma tela baseada em um fato histórico: um bombardeio sofrido pela cidade de Guernica, na Espanha, por aviões nazistas em apolo ao ditador Franco, que governava aquele país.

Do ponto de vista formal, nota-se que a pintura utilizou apenas as cores branca e preta e variações de cinza. Nessa época, Picasso morava em Paris e somente veio a conhecer a dimensão desse problema por meio dos jornais. De certa forma, é possível interpretar a tela como uma manifestação de repúdio do artista diante das atrocidades da guerra. A ausência das cores vibrantes dão a real dimensão do esvaziamento de sentido ou da alegria em uma situação de destruição. Os olhares desesperados de animais e pessoas ocupam vários pontos da tela em um espaço que foge das convenções. A pintura não retrata apenas uma cena, mas sim várias ao mesmo tempo. Essa é a intenção da estética cubista, sobrepondo planos e tempos, condensando um conjunto de diferentes perspectivas.

Expressionismo

A ideia de oferecer ao leitor de uma pintura, à plateia de cinema ou ao leitor de um livro uma percepção chocante da realidade pode ser considerada um dos grandes objetivos do Expressionismo. Surgido na Alemanha, o Expressionismo utilizava como estratégia de composição artística a distorção do visível.

Segundo o pensamento expressionista, a vida moderna é responsável pela insatisfação melancólica humana, o que fez dessa estética uma busca nostálgica de um mundo que acabou.

Um traço singular no Expressionismo foi uma visão crítica em relação ao ideal de progresso tecnológico. Para os expressionistas, a vida moderna gerava menos um sinal positivo de melhora das condições da existência humana e mais uma situação de insatisfação e melancolia, o que fez dessa estética uma busca nostálgica de um mundo que acabou.

A Primeira Guerra Mundial (1914-1918) foi, sem dúvida, um acontecimento decisivo para a popularização do Expressionismo. O mundo em ruínas, destruído pelas batalhas, parecia anunciar uma situação apocalíptica.

Observe uma obra de um dos representantes do Expressionismo na pintura, o austríaco Oskar Kokoschka (1886-1980), intitulada *A noiva do vento*, de 1914.



KOKOSCHKA, Oskar. *A noiva do vento*. 1914. 1 óleo sobre tela, color., 181 cm x 220 cm. Kunstmuseum Basel, Suíça.

Um dos aspectos que chama a atenção no Expressionismo é o uso de linhas retorcidas e de cores fortes. Segundo essa estética, a realidade é um depósito de perplexidade e angústia. As representações artísticas então revelam um sentido mais profundo relacionado à subjetividade do pintor: o artista não vê, ele tem visões sobre as coisas.

O Expressionismo não ficou restrito às artes plásticas. Teve um papel importante no cinema e na literatura.

Assim como o dadaísmo, que idealizava a radicação a fim de romper com a arte acadêmica.

Dadaísmo

Esse movimento da vanguarda moderna fô uma das mais radicais (e curtas!) manifestações artísticas do século XX. Sua origem diz muito de suas ideias. Surgiu na Suíça, em 1916, em meio, portanto, à Primeira Guerra Mundial. Nesse local, encontrava-se um conjunto de refugiados da guerra composto de artistas e pensadores desanimados com os rumos da humanidade. O alemão Hugo Ball (1886-1927) muda-se para Zurique com sua companheira Emmy Hennings (1885-1948) em busca de um lugar neutro em tempos de guerra. Fundam ali o Cabaret Voltaire, um bar em que ocorriam espetáculos caracterizados pela rebeldia e pela inovação.

Aos poucos, ideias sobre uma arte totalmente nonsense (algo sem um sentido determinado, resultado da tentativa de romper com a racionalidade) começaram a surgir. Dos ataques ao mundo racionalizado e burguês que entrara em guerra, surgiu o Dadaísmo.

A palavra *dadá*, que deu nome a esse movimento, foi escolhida ao acaso em um dicionário, sem que seu sentido fosse levado em conta.

Uma das criações mais conhecidas do Dadaísmo, uma peça intitulada *Fonte* (1917), mostra um dos conceitos *dadá* que mais influenciaram a arte moderna: o *ready-made* (termo que, em inglês, significa "já pronto").



M. Du. de Arte da Universidade de Indiana, Bloomington

Fonte, de Marcel Duchamp. Um urinol que o artista enviou a uma exposição, elevando-o ao status de obra de arte apenas pelo fato de ter sido escolhido e considerado pelo artista como tal.

Do ponto de vista formal, trata-se de um simples urinol branco invertido. O que chama a atenção em um primeiro momento, portanto, não é a criação de um objeto estético inteiramente novo. A intenção de Duchamp, com essa obra, é deslocar a percepção da obra de arte para a atitude do artista em nomear como arte um objeto simples do cotidiano. Nesse sentido, Duchamp propõe com a *Fonte* um debate entre arte e conceito. Para compor uma obra de arte, quanto de dom e habilidade o artista deve ter? Qual técnica ele deve dominar para produzir arte? É somente em museus e exposições que existe arte?

Percebe-se então que a proposta estética de Duchamp, uma obra com a marca da Irrracionalidade dadaísta, não é a de produzir uma arte que expresse o belo, mas sim uma arte que provoque uma reação do público. Ao deslocar o objeto do banheiro para o museu, ele rompe os limites do que era até então considerado arte.

O movimento surrealista defende a maneira de redefinir a posição do ser humano em relação ao seja, uma visão mais abrangente do que os

Surrealismo *movimentos humanos.*

Alguns artistas participantes do movimento dadaísta em Paris estavam descontentes com os rumos que esse movimento estava tomando. Entre eles, André Breton, Louis Aragon e Philippe Soupault perceberam que o dadaísmo repetia e suas ações começavam a perder a efetividade. Se o objetivo inicial era ridicularizar o público burguês, depois de alguns anos esse mesmo público começou a assimilar a arte dadaísta e já não se chocava mais com suas obras e manifestações. Assim, apesar de manter sua atitude de revolta, esses artistas acreditavam que era preciso renovar formas de contestação. Além disso, enquanto o dadaísmo se limitava a uma espécie de renovação da arte, Breton, Aragon e Soupault estavam preocupados em repensar a posição do ser humano em relação ao mundo, ou seja, uma visão mais abrangente do que todos os movimentos de vanguarda anteriores.

Revoltados com a Primeira Guerra Mundial, que causara tanto sofrimento em nome de valores contra os quais se rebelavam, e influenciados pelas descobertas da Psicologia freudiana, esses artistas pretendiam revolucionar as estruturas de toda a sociedade; nessa revolução, a arte e os artistas deveriam ocupar um papel central.

No ano de 1919, André Breton e Philippe Soupault escrevem juntos a obra *Os campos magnéticos*, primeiro texto em escrita automática, isto é, uma escrita em que o autor se concentra e anota as frases que surgem em seu pensamento, sem se preocupar com o significado racional delas. Nesse período, havia também várias revistas em que eram publicadas tanto obras de artistas dadaístas quanto de artistas com outros objetivos e que buscavam novos meios para sua expressão.

Mas o surgimento "oficial" do movimento surrealista se dá no ano de 1924, com a publicação do *Manifesto do Surrealismo*. Nesse manifesto, são traçadas as linhas e ideias gerais do movimento, como o elogio do sonho e da infância e a busca de estratégias de escrita literária e de composição artística que escapem ao controle da razão.

Veja a definição de Surrealismo presente nesse manifesto:

SURREALISMO, s.m. Automatismo psíquico puro pelo qual se propõe exprimir, seja verbalmente, seja por escrito, seja de qualquer outra maneira, o funcionamento real do pensamento. Ditado do pensamento, na ausência de todo controle exercido pela razão, fora de toda preocupação estética ou moral.

BRETON, André. *Manifesto do Surrealismo*. Nau: Rio de Janeiro, 2001.

O Surrealismo se manifestou em obras literárias, cinema, teatro, artes plásticas e filosofia. Observe, ao lado, a reprodução de um quadro surrealista.

Nessa tela, há a representação de três relógios que derretem em meio a uma paisagem estranha e desolada. Tal visão remete o leitor à experiência do sonho, um dos temas recorrentes em obras surrealistas. Completando o **efeito de estranhamento** (ao mesmo tempo que a imagem é composta de objetos que reconhecemos, notamos que algo parece escapar da ordem "normal"), algumas formigas se concentram sobre o único relógio que parece não derreter. O nexo entre os objetos, a **relação** entre eles, também assume uma condição de desajuste.



DALÍ, Salvador. *A persistência da memória*. 1931. Óleo sobre tela, color., 24 cm x 33 cm. Museu de Arte Moderna, Nova York.

Atividades

Leia trechos de manifestos ou documentos relacionados a aspectos estéticos dos cinco movimentos de vanguarda estudados nesta unidade. Identifique a que movimento cada fragmento de texto se refere e justifique sua escolha.

Fragmento	Movimento de vanguarda	Justificativa
"Os grandes poetas e os grandes artistas têm por função social <u>remover continuamente a aparência que reveste a natureza, aos olhos dos homens</u> . Sem os poetas, sem os artistas, os homens aborrecer-se-iam depressa com a monotonia natural. A ideia sublime que eles têm do universo cairia com vertiginosa rapidez. A ordem, que aparece na natureza e que não é senão um efeito da arte, logo se evaporaria. Tudo se desmancharia no caos."	Cubismo	oposição ao academicismo, ↓ forma de diversa cópia das obras feitas por outros artistas tradicionais
"Vivemos ainda no reinado da lógica, eis, bem entendido, aonde eu queria chegar. Mas os processos lógicos, de nossos dias, só se aplicam à resolução de problemas de interesse secundário. O racionalismo absoluto que continua na moda só permite considerar fatos de pequena relevância de nossa experiência. [...] Deve-se se dar graças às descobertas de Freud. Na trilha de suas descobertas, esboça-se, enfim, uma corrente de opinião, a favor da qual o explorador humano poderá levar mais longe [...]."	Surrealismo	creditavam, queriam necessariamente romper os formatos de contestação. Eles trabalhavam recusando a posição do sub-humano em relação ao mundo, ou seja, uma visão mais abrangente do que todos os movimentos anteriores. "Efeito de estranhamento"
"No aeroplano, sentado sobre o cilindro da gasolina, queimando o ventre da cabeça do avião, senti a inaniidade ridícula da velha sintaxe herdada de Homero. Desejo furioso de libertar as palavras, tirando-as para fora da prisão do período latino! Este tem naturalmente, como cada imbecil, uma cabeça previdente, um ventre, duas pernas e dois pés chatos, mas não possuirá nunca duas asas."	Futurismo	Eles defendem um comportamento radical em relação à cultura considerada "tradicional", eram admiradores da modernidade em relação às mudanças tecnológicas e ao consumo.
"A arte é a expressão de uma personalidade e não uma ação livre e arbitrária de características e talentos mais ou menos dotados. Homens com inteligência, habilidade, clarividência, com força de vontade e de ação, podem ser grandes estadistas, diretores aplicados, cientistas renomados, mas eles não são artistas se lhes falta a personalidade completa. [...] A personalidade revela-se na sua expressão em linha, cor, tom, ritmo, palavra e métrica. No caso do pintor, a linha e a cor são parte integrante de sua personalidade [...]."	Expressionismo	visão crítica em relação ao ideal de progresso tecnológico. A vida moderna gerava um nível de insatisfação, melancolia, o que se refletia na arte. Era uma busca por algo de novo, uma busca por uma expressão de um mundo que acabava.
"Pegue um jornal. Pegue uma tesoura. Escolha no jornal um artigo do tamanho que você deseja dar a seu poema. Recorte o artigo. Recorte em seguida com atenção algumas palavras que formam esse artigo e meta-as num saco. Agite suavemente. Tire em seguida cada pedaço um após o outro. Cople conscienciosamente na ordem em que elas são tiradas do saco. O poema se parecerá com você. E ele-lo um escritor infinitamente original e de uma sensibilidade graciosa, ainda que incompreendido do público."	Dadaísmo	Defendiam um arte total, uma arte sem limites, uma arte que não se limitava ao mundo burguês, nacionalista.

TELES, Gilberto Mondonç. *Vanguarda europeia e Modernismo Brasileiro: apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas*. Petrópolis: Vozes, 1980.

Modernismo português

Os anos finais do século XIX em Portugal foram marcados por um clima de muita instabilidade. No ano de 1890, a Inglaterra exigiu a retirada de exércitos portugueses da região compreendida entre Angola e Moçambique, área em que Portugal tinha pretensões colonialistas. Esse episódio ficou conhecido como Ultimato Inglês e evidenciou a perda do poderio português, que vinha sendo sustentado desde o período das Grandes Navegações.

As revoltas pela mudança de sistema de governo (Portugal era, no início do século XX, uma monarquia), acompanhadas de uma grave crise econômica, favoreceram o surgimento de uma geração de intelectuais e artistas que passou a se identificar com as novas possibilidades de expressão artística e literária. Essa geração acompanhava os acontecimentos nos centros urbanos mais desenvolvidos, especialmente Paris, que concentrava grande parte dos artistas de vanguarda.

Em 1915, é publicada a *Revista Orpheu*, que, apesar de contar com apenas dois números, teve como objetivo apontar os caminhos para uma atualização estética, colocando Portugal em sintonia com as novas tendências artísticas que brotavam na Europa. Entre os participantes dessa revista, destacam-se Mário de Sá Carneiro, Almada Negreiros e Fernando Pessoa. Esses três artistas foram os precursores do Modernismo em Portugal, fazendo parte de sua primeira geração.

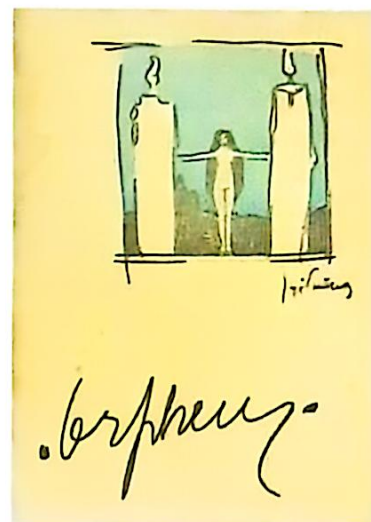
Mais adiante, em 1927, surge outra revista importante na consolidação do Modernismo português intitulada *Presença*, lançando nomes como José Régio, Miguel Torga e Branquinho da Fonseca.

Fernando Pessoa

O mais importante escritor que surgiu no contexto das transformações pelas quais passava a literatura portuguesa foi Fernando Pessoa (1888-1935). A qualidade artística de sua produção literária (escreveu poemas, prosa, crítica e foi um excelente tradutor), o caráter experimental, o diálogo que travou com a tradição literária de seu país e a amplitude de seu projeto poético (Pessoa foi um escritor bastante ativo no quesito quantidade) destacam sua importância para a consolidação da literatura moderna lusitana.

A iniciativa mais inovadora de sua escrita foi a criação de heterônimos, que serviram de estratégia para que Pessoa amplificasse seu potencial criador.

Não se deve confundir heterônimos com pseudônimos. Esses últimos dizem respeito à escolha feita por um artista de assinar um texto ou uma obra utilizando um nome diferente do oficial, de registro. Podem ser usados, por exemplo, em situações nas quais o autor não quer ser identificado ou nas quais ele queira ser identificado com o nome que escolheu. Já um heterônimo é algo mais complexo, pois se trata de uma invenção de um ser com várias características, como maneira própria de escrever (estilo), alguém de quem se têm alguns dados biográficos (ainda que essa biografia seja inteiramente inventada pelo autor do heterônimo), características físicas e comportamentos associados a traços de uma personalidade, etc. Fernando Pessoa criou vários heterônimos. Três deles são os mais significativos: Ricardo Reis, Álvaro de Campos e Alberto Caeiro. É importante lembrar que há também poemas assinados pelo próprio Fernando



Capa da *Revista Orpheu*, publicada em 1915. Essa publicação é considerada o marco inicial do Modernismo em Portugal.

heterônimos: personalidades poéticas, máscaras por meio das quais se podem escrever obras sob perspectivas totalmente novas e singulares.

Pessoa. Essa parte de sua obra é chamada de obra **ortônima**. Veja algumas marcas da poesia escrita pelos heterônimos de Pessoa.

Alberto Caeiro

De acordo com a biografia inventada por Fernando Pessoa, Alberto Caeiro era um homem simples, que frequentou somente o primário. Era o mestre dos demais heterônimos. Vivendo sempre em contato com a natureza, desenvolveu um estilo poético caracterizado pela utilização de uma linguagem direta e contrária à sofisticação.

Lêa a seguir um poema em que Caeiro apresenta sua maneira de ver o mundo com base em sua experiência de vida.

XXIII

O meu olhar azul como o céu
É calmo como a água ao sol.
É assim, azul e calmo,
Porque não interroga nem se espanta...

Se eu interrogasse e me espantasse
Não nasciam flores novas nos prados
Nem mudaria qualquer coisa no sol de modo a ele ficar mais belo...
(Mesmo se nascessem flores novas no prado
E se o sol mudasse para mais belo,
Eu sentiria menos flores no prado
E achava mais feio o sol...
Porque tudo é como é e assim é que é,
E eu aceito, e nem agradeço,
Para não parecer que penso nisso...)



DVD Escola 2015, Digital

PESSOA, Fernando. *Obra póstuma*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992. p. 217.

Álvaro de Campos

A biografia de Álvaro de Campos, criada por Fernando Pessoa, diz que era nascido em Tavira, região sul de Portugal, e tinha formação em Engenharia Naval na Escócia. Era o heterônimo que mantinha uma relação mais próxima com o momento histórico do Modernismo português: ao mesmo tempo que mostrava conhecimento profundo sobre os avanços industriais e tecnológicos típicos da sociedade moderna, demonstrava uma clara inadaptação ao universo urbano e ao ritmo das grandes cidades.

Em seus poemas, verifica-se a alternância entre trechos enérgicos e turbulentos, como se sua poesia pudesse expressar literalmente a agitação feroz e sem finalidade do mundo moderno, e trechos melancólicos, em que aparece frágil e impotente para se adequar à realidade.

Esta incapacidade de convivência social é tema de um dos poemas mais conhecidos de Álvaro de Campos, intitulado "Lisbon revisited".

ortônima: que usa o nome oficial de registro

Lisbon revisited

Não: Não quero nada.

Já disse que não quero nada.

Não me venham com conclusões!

A única conclusão é morrer.

Não me tragam estéticas!

Não me falem em moral!

Tirem-me daqui a metafísica!

Não me apregoem sistemas completos, não me enfileirem conquistas

Das ciências (das ciências, Deus meu, das ciências!) –

Das ciências, das artes, da civilização moderna!

Que mal fiz eu aos deuses todos?

Se têm a verdade, guardem-na!

Sou um técnico, mas tenho técnica só dentro da técnica.

Fora disso sou doido, com todo o direito a sê-lo.

Com todo o direito a sê-lo, ouviram?

Não me **macem**, por amor de Deus!

Queriam-me casado, fútil, quotidiano e tributável?

Queriam-me o contrário disto, o contrário de qualquer coisa?

Se eu fosse outra pessoa, fazia-lhes, a todos, a vontade.

Assim, como sou, tenham paciência!

Vão para o diabo sem mim,

Ou deixem-me ir sozinho para o diabo!

Para que havemos de ir juntos?

Não me peguem no braço!

Não gosto que me peguem no braço. Quero ser sozinho.

Já disse que sou sozinho!

Ah, que **maçada** quererem que eu seja da companhia!

Ó céu azul – o mesmo da minha infância –

Eterna verdade vazia e perfeita!

Ó macio **Tejo** ancestral e mudo,

Pequena verdade onde o céu se reflete!

Ó mágoa revisitada, Lisboa de outrora de hoje!

Nada me dais, nada me tirais, nada sois que eu me sinta.

Deixem-me em paz! Não **tardo**, que eu nunca tardo...

E enquanto tarda o Abismo e o Silêncio quero estar sozinho!

PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992. p. 356-357

macem: amolem.

maçada: chateação.

Tejo: o rio mais importante de Portugal.

tardo: atraso.

Ricardo Reis

A trajetória de Ricardo Reis apresenta uma diferença em relação à dos heterônimos anteriores. Enquanto Alberto Caeiro e Álvaro de Campos viviam em Portugal, Ricardo Reis, médico e defensor da monarquia, morava no Brasil. Estudioso da cultura clássica, Reis representava uma parcela da produção artística portuguesa que mantinha, mesmo sendo seus textos modernos, uma relação de proximidade com a tradição.

Em seus poemas, há referências mitológicas e filosóficas gregas. Tinha uma musa, Lúlia, sobre quem escreveu em vários poemas.

Repare, no poema a seguir, a poesia reflexiva de Ricardo Reis.

Uns, com os olhos postos no passado,
Vcem o que não vcem: outros, fitos
Os mesmos olhos no futuro, vcem
O que não pode ver-se.

Por que tão longe ir pôr o que está perto –
A segurança nossa? Este é o dia,
Esta é a hora, este o momento, isto
É quem somos, e é tudo.

Perene flui a interminável hora
Que nos confessa nulos. No mesmo hausto
Em que vivemos, morreremos. Colhe
O dia, porque és ele.

PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992. p. 290



Fernando Pessoa, ele por ele mesmo

É possível dividir a produção poética de Fernando Pessoa ortônimo em duas partes: a lírica e a nacionalista. De sua obra nacionalista, destaca-se *Mensagem*, um livro em que Pessoa revê a história de Portugal a partir de uma perspectiva saudosista e profética, aproximando-se de passagens históricas sobre a expansão marítima dos séculos XV e XVI. Em seus poemas líricos, dialoga com a poesia tradicional portuguesa.

Um conjunto pequeno, mas importante, de sua poesia lírica trata do processo de criação literária. Lela, ao lado, um de seus poemas mais conhecidos, que propõe uma separação entre o sentimento no ato da criação escrita do poema e o sentimento no ato de recriação do poema pela leitura.

O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que **deveras** sente.

E os que leem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm.

E assim nas **calhas** de roda
Gira, a entreter a razão,
Esse **comboio de corda**
Que se chama coração.

PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992. p. 165.

ortônimo: responsável
hausto: gole, tragão
deveras: realmente

calhas: trilhos.
comboio de corda: brinquedo
movido a corda.



Atividades

1. Indique a alternativa incorreta no que diz respeito às características poéticas de Fernando Pessoa ortônimo e de seus heterônimos.
 - a) Alberto Caeiro apresenta uma poesia cuja linguagem é direta.
 - b) As referências estéticas de Ricardo Reis apontam para temáticas e linguagem clássicas.
 - c) A poesia de Fernando Pessoa, o ortônimo, tem na contemplação da natureza seu ponto mais característico.
 - d) Alberto Caeiro era visto pelos outros heterônimos como o mestre a quem deveriam reconhecer a excelência.
 - e) Álvaro de Campos foi o heterônimo que mais dialogou com o entusiasmo da modernidade.
2. Considerando as características principais de Fernando Pessoa, ortônimo, e seus heterônimos associe as colunas relacionando autor e obra.

Eu nunca guardei rebanhos,
Mas é como se os guardasse.
Minha alma é como um pastor,
Conhece o vento e o sol
E anda pela mão das Estações
A seguir e a olhar.

Alberto
Caeiro

Dizem que finjo ou minto
Tudo que escrevo. Não.
Eu simplesmente sinto
Com a imaginação.
Não uso o coração.

Álvaro de
Campos

A cada qual, como a 'statura, é dada
A justiça: uns faz altos
O fado, outros felizes.
Nada é prêmio: sucede o que acontece.
Nada, Lídia, devemos
Ao fado, senão tê-lo.

Fernando
Pessoa
(ortônimo)

Não, não é cansaço...
É uma quantidade de desilusão
Que se me entranha na espécie de pensar,
E um domingo às avessas
Do sentimento,
Um feriado passado no abismo...

Ricardo
Reis

Estudo



Fonte de todos os fragmentos: PESSOA, Fernando. *Obra poética*
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992.

Semana de Arte Moderna

São Paulo foi o centro do Movimento Modernista no Brasil. O desenvolvimento da cidade, que se transformava de maneira mais acelerada que o restante das capitais do país, permitiu que se concentrassem nesse local as condições para que ocorresse um evento que significou simbolicamente a passagem de um paradigma tradicional da literatura e das artes para uma perspectiva inovadora: a Semana de Arte Moderna.

Alguns antecedentes, porém, foram decisivos para que um espírito de rebeldia se manifestasse entre os intelectuais paulistas. Longe do conservadorismo da Academia Brasileira de Letras, sediada no Rio de Janeiro, houve em São Paulo uma certa liberdade para a recepção das notícias chegadas da Europa sobre os movimentos de vanguarda que revolucionavam a arte e a literatura por lá.

A capital paulista vivia seu momento de apogeu. A baixa do preço do café, produto que havia enriquecido uma parte dos antigos fazendeiros, fez com que muitos comesçassem a aplicar seus ganhos em indústrias que se instalavam na cidade. Com a ampliação das vagas de emprego, muitos trabalhadores se deslocaram do campo para a região urbana em busca de melhores condições de vida. Para se ter uma ideia, o surto migratório, somado à vida de imigrantes portadores de mão de obra especializada que também se deslocavam para a América do Sul, fez com que a cidade passasse de aproximadamente 35 mil habitantes, em 1883, para 500 mil, em 1920.

A mudança no cenário urbano começa a ocorrer de modo nunca antes visto: redes elétricas, telefonia, canalização de rios, abertura de novos bairros estimulavam o surgimento de um pequeno e médio comércio localizado em regiões mais afastadas, porém integradas à zona central. Um sistema de radiodifusão é implantado, enquanto pequenos jornais ampliam suas tiragens.

Politicamente, grupos ideológicos ganham representatividade, gerando uma dinâmica distinta da que acontecia na capital da República, no Rio de Janeiro. Em quase 30 anos, a partir de 1915, o movimento anarquista organiza diversas greves para garantir melhores condições de trabalho e remuneração para os operários.

Contudo, os valores relacionados à modernização fizeram com que visões de mundo representantes do tradicionalismo também se organizassem. A convivência do moderno com a tradição se transformou em uma das características do pano de fundo da Semana de Arte Moderna.

Artistas viam nessa efervescência social uma oportunidade para preparar um evento que pudesse ser um marco da chegada de uma nova arte.

A Semana propriamente dita

Nos dias 13, 15 e 17 de fevereiro de 1922, eventos ocorridos no Theatro Municipal de São Paulo fizeram parte da Semana de Arte Moderna. A escolha da data foi estratégica: depois de meses de planejamento e preparação, o acontecimento deveria coincidir com o centenário de Independência do Brasil. Simbolicamente, a Semana de Arte Moderna deveria funcionar como uma nova Independência, agora no plano cultural e artístico.

Participaram da Semana: Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Ronald de Carvalho, Plínio Salgado, Victor Brecheret, Anita Malfatti, Menotti Del Picchia, Di Cavalcanti, Vicente Rego Monteiro, Heitor Villa-Lobos, entre outros. Graça Aranha, escritor pertencente a uma geração anterior, pré-modernista, bastante reconhecido e admirado pelo público, realizou a conferência de abertura.

Com ampla divulgação, principalmente nos jornais, o evento atraiu um bom público. Na primeira noite, talvez por causa da conferência de Graça Aranha, tudo ocorreu de modo tranquilo. Na segunda noite, porém, os modernistas

mostraram sua real intenção, que era chocar o público presente. Menotti Del Picchia proferiu uma palestra com ares de manifesto em defesa da nova arte. A leitura de poemas nesse dia também provocou a sensibilidade estética do público que tinha como referência de boa literatura a poesia parnasiana.

O escritor Ronald de Carvalho leu um poema de Manuel Bandeira (que não estava presente) que batia de frente com a poesia parnasiana. O título do poema é "Os sapos". Leia-o a seguir.



Os sapos

Enfunando os papos,
Saem da penumbra,
Aos pulos, os sapos.
A luz os deslumbra.

Em ronco que **aterra**,
Berra o sapo-boi:
– “Meu pai foi à guerra!”
– “Não foi!” – “Foi!” – “Não foi!”.

O sapo-**tanoeiro**,
Parnasiano aguado,
Diz: – “Meu cancioneiro
É bem **martelado**.”

Vede como **primo**
Em comer os hiatos!
Que arte! E nunca rimo
Os termos **cognatos**.

O meu verso é bom
Frumento sem joio.
Faço rimas com
Consoantes de apoio.

Vai por cinquenta anos
Que lhes dei a norma:
Reduzi sem danos
A fôrmas a forma.

Clame a saporaria
Em críticas céticas
Não há mais poesia,
Mas há artes poéticas...”

Urre o sapo-boi:
– “Meu pai foi rei!” – “Foi!”
– “Não foi!” – “Foi!” – “Não foi!”.

Brada em um **assomo**
O sapo-tanoeiro:
– A grande arte é como
Lavor de joalheiro.

Ou bem de estatuário.
Tudo quanto é belo,
Tudo quanto é vário,
Canta no martelo”.

Outros, **sapos-pipas**
(Um mal em si cabe),
Falam pelas tripas,
– “Sei!” – “Não sabe!” – “Sabe!”.

Longe dessa grita,
Lá onde mais densa
A noite infinita
Veste a sombra imensa;

Lá, fugido ao mundo,
Sem glória, sem fé,
No **perau** profundo
E solitário, é

Que soluças tu,
Transido de frio,
Sapo-cururu
Da beira do rio...

BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985. p. 46-47

enfunando: enchendo.

aterra: aterroriza.

tanoeiro: pessoa que exerce uma profissão sem prestígio.

martelado: batido.

primo: faço distinção.

cognatos: palavras que têm a mesma raiz ou origem etimológica que outra.

frumento: tipo de trigo que faz uma farinha muito branca.

joio: coisa má que prejudica outra.

assomo: arrebatamento.

sapos-pipas: pessoas muito gordas e baixas.

perau: lugar íngreme que dá para um rio.

transido: dominado por algum sentimento ou alguma sensação.

O poema, que satiriza a poesia parnasiana e o próprio comportamento dos parnasianos, os quais, no poema de Bandeira, podem ser identificados pelos sapos que "coaxam" todos ao mesmo tempo sem que possam se ouvir adequadamente, gerou uma enorme vaia da platéia. Associando os parnasianos à figura do "sapo-cururu", espécie retirada da tradição folclórica brasileira, os modernistas deram seu recado nos eventos da Semana: vieram para transformar profundamente o cenário cultural e artístico brasileiro.



Capa do catálogo da Semana de Arte Moderna que ocorreu em São Paulo, em 1922: marco zero do Modernismo no Brasil

Atividades

1. Leia o poema "Os sapos", de Manuel Bandeira, que provocou valas no segundo dia da Semana de Arte Moderna em 1922. Destaque um elemento que indique ironia ou deboche em relação ao Parnasianismo e o comente.

"Sapo-tamoera, parnasiano agitado, diz: - 'meu camião é bem montado, a roda do liter que o parnasiano usa é excelsa de valor, uma função de prestigio, batida'."

2. Levante uma hipótese que justifique o comportamento dos modernistas em chocar o público.

Chocar o público foi uma estratégia planejada pelos modernistas por uma série de motivos. O humor e a ironia destacando as diferenças entre a estética modernista e a estética tradicional, provocar aqueles que tinham um gosto médio, identificado como artificialismo parnasiano.

Organize as ideias

A proposta de síntese dos saberes desenvolvidos nesta unidade terá como foco a compreensão dos aspectos estéticos que configuraram as vanguardas europeias, lembrando que esses movimentos artísticos estiveram na base do desenvolvimento das manifestações em favor de uma arte moderna em vários países, dos quais destacamos Portugal e Brasil.

Pesquise imagens das obras indicadas a seguir e selecione uma delas sobre a qual escreverá um texto de aproximadamente uma página analisando-a. Para auxiliar na estruturação de seu texto, é sugerido um roteiro contendo ideias para serem desenvolvidas em cada um dos parágrafos.

Lembre que você deve selecionar, daquilo que se propõe como sugestão para ser desenvolvido em cada parágrafo, as informações e/ou ideias que você considere relevantes ou que tenha conseguido acessar em alguma fonte. No que diz respeito às fontes de onde você coletará informações, certifique-se de que sejam confiáveis.

1º parágrafo – Apresentação dos dados da pintura que será analisada: nome da tela, quem a pintou, quando, dimensões, em que lugar se encontra, o que motivou a pintura dessa obra, como ela se articula com a vanguarda.

2º parágrafo – Referências com base nas quais o pintor compôs a obra: essa tela dialoga com outras obras do período em que foi feita? Com outras obras de tempos anteriores? É fonte de referência para obras de artistas posteriores?

3º parágrafo – Análise estrutural: comentar o uso das cores, das linhas, a relação entre o fundo e a(s) imagem(ns) da frente, as técnicas utilizadas, a composição dos planos, do tema.

4º parágrafo – Comentário sobre a relação entre a tela e a representação da natureza: é uma obra que rompe totalmente com uma visão "fotográfica" da realidade? Apresenta elementos ligados ao inconsciente ou aos sonhos? Apresenta uma visão engajada do ponto de vista político?

5º parágrafo – Finalização: explorar de modo breve em que a tela o agradou/comoveu/inspirou/questionou/provocou, ou seja, emitir um ponto de vista sobre a validade e a qualidade da obra.

As pinturas propostas são:

Obra	Ano	Autor	Vanguarda à qual se filia
Dinamismo de um cão na coleira	1912	Giuseppe Balla (1871-1958)	Futurismo
Guitarra e bandolim	1919	Juan Gris (1887-1927)	Cubismo
Cavalos na paisagem	1911	Franz Marc (1880-1916)	Expressionismo
Despertar da manhã	1919	Francis Picabia (1879-1953)	Dadaísmo
A persistência da memória	1931	Salvador Dalí (1904-1989)	Surrealismo

Finalizada a redação de sua análise, troque-a com a de um colega para que ele possa ler seu texto e sugerir mudanças e correções. Nesse caso, você faz o mesmo, lendo e sugerindo alterações para o texto dele. Em seguida, escreva a versão definitiva de seu texto em uma folha à parte.

Hora de estudo

1. "Pegue um jornal. Pegue a tesoura. Escolha no jornal um artigo do tamanho que você deseja dar a seu poema. Recorte o artigo. Recorte em seguida com atenção algumas palavras que formam esse artigo e meta-as num saco. Agite suavemente [...]."

A passagem acima corresponde a uma "receita" para escrever poemas _____. Essa estética teve como uma de suas orientações o _____ e a exploração do _____.

- a) surrealistas – tradicionalismo – sonho
- b) cubistas – sensualismo – humano
- c) expressionistas – fundamentalismo – inconsciente
- d) futuristas – fantástico – modernismo
- e) dadaístas – irracionalismo – absurdo

2. Associe o nome de cada movimento de vanguarda às características estéticas correspondentes.

- (5) Cubismo
- (3) Dadaísmo
- (2) Surrealismo
- (4) Expressionismo
- (1) Futurismo

1. Representação da vida moderna pelo elogio à máquina e à velocidade.
2. Automatismo psíquico e negação da lógica.
3. Postura extravagante e ilógica.
4. Uso de linhas retorcidas e cores fortes.
5. Quebra da linearidade e fragmentação da imagem.

Revolução Industrial e 1ª Grande guerra.

3. As vanguardas europeias tiveram como pano de fundo um momento de euforia e desencanto. Cite um fato histórico que pertença a cada um desses sentimentos vivenciados pelos artistas de vanguarda no início do século XX.
4. Que relações se podem estabelecer entre o Surrealismo e a Psicanálise? *Cite o nome do autor da obra e a obra.*
5. Leia o trecho do poema de autoria de Fernando Pessoa.

O mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos quantas mães choraram,
Quanto filhos em vão rezaram!
Quanto noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.

PESSOA, Fernando. *Mar português*. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/2405>. Acesso em: 20 nov. 2015.

7. (ENEM)

Hagar



Dik Browne



Folha de S. Paulo

Da minha aldeia vejo quanto da terra se pode ver no Universo...
Por isso minha aldeia é grande como outra qualquer
Porque sou do tamanho do que vejo
E não do tamanho da minha altura...

(Alberto Caelro)

A tira *Hagar* e o poema de Alberto Caelro (um dos heterônimos de Fernando Pessoa) expressam, com linguagens diferentes, uma mesma ideia: a de que a compreensão que temos do mundo é condicionada, essencialmente,

- a) pelo alcance de cada cultura.
- b) pela capacidade visual do observador.
- c) pelo senso de humor de cada um.
- d) pela idade do observador.
- e) pela altura do ponto de observação.

8. (UFSC) Leia.

8. Fraque do ateu

Sai de D. Matilde porque marmanjo não podia continuar na classe com meninas.

Matricularam-me na escola modelo das tiras de quadros nas paredes alvas escadarias e um cheiro de limpeza.

Professora magrinha e recreio alegre começou a aula da tarde um bigode de arame espetado no grande professor Seu Carvalho.

No silêncio tique-taque da sala de jantar informei mamãe que não havia Deus porque Deus era a natureza.

¹Nunca mais vi o Seu Carvalho que foi para o Inferno.

[...]

27. Férias

²Dezembro deu à luz das salas enceradas de tia Gabriela as três moças primas de óculos bem falados.

Pantico norte-americanava.

E minha mãe entre médicos num leito de crise decidiu meu apressado conhecimento via-jeiro do mundo.

ANDRADE, Oswald de. *Memórias sentimentais de João Miramar*. São Paulo: Globo, 1911. p. 47, 53

Com base no texto, na leitura do romance *Memórias sentimentais de João Miramar* e no contexto do Modernismo brasileiro, assinale a(s) proposição(ões) CORRETA(S).

(01) Por influência do Futurismo, com que teve contato na Europa, Oswald de Andrade usa pontuação mínima, como se pode perceber nos trechos acima, nos quais se omitiram vírgulas que seriam obrigatórias segundo as regras de pontuação da norma padrão escrita.

(02) No primeiro trecho, a frase "nunca mais vi o Seu Carvalho que foi para o Inferno" (ref. 1), Andrade relata de modo telegráfico a morte do professor Carvalho, com quem João Miramar aprendeu a respeitar os valores católicos.

(04) Obra que pertence cronologicamente à primeira fase do Modernismo brasileiro, *Memórias sentimentais de João Miramar* ostenta várias características da literatura do período, como a diluição das fronteiras entre prosa e poesia e a experi-

mentação, manifesta, entre outras coisas, nos neologismos e na sintaxe inovadora.

(08) No trecho "Dezembro deu à luz das salas enceradas de tia Gabriela as três moças primas de óculos bem falados" (ref. 2), observa-se a preocupação obsessiva de Miramar com futilidades, como a boa qualidade dos óculos das primas.

(16) Como se poderia esperar de um dos organizadores da Semana de Arte Moderna, Oswald de Andrade reafirma em *Memórias sentimentais de João Miramar* alguns princípios básicos da estética modernista, tais como a valorização da linguagem regional e o refinamento dos cânones parnasianos.

9. (UFRGS – RS) Assinale a alternativa correta sobre a Semana de Arte Moderna.

a) A Semana de Arte Moderna, liderada por intelectuais e políticos paulistas, foi o evento que coroou o Modernismo Brasileiro, com a publicação de *Macunaíma*, de Mário de Andrade.

b) O Modernismo foi um movimento isolado, ocorrido na cidade de São Paulo, sem repercussão nacional.

c) A briga entre Graça Aranha e Anita Malfatti serviu de inspiração para a concepção da Semana.

d) A prática dos Manifestos, muito comum nas vanguardas europeias, foi repetida pelos modernistas, como forma de veicular seus ideais estéticos e sociais.

e) As vanguardas europeias, por seu caráter destruidor e localista, são copiadas e seguidas pelos artistas brasileiros, como Monteiro Lobato, Murilo Mendes e Raul Bopp.

10. (UFPR)

A ambição do grupo [modernista] era grande: educar o Brasil, curá-lo do analfabetismo letrado, e, sobretudo, pesquisar uma maneira nova de expressão, compatível com o tempo do cinema, do telégrafo sem fio, das travessias aéreas intercontinentais.

(Boaventura, M. E. A Semana de Arte Moderna e a Crítica Contemporânea: vanguarda e modernidade nas artes brasileiras Conferência – IEL-Unicamp, 2005, p. 5-6. Fonte: <http://www.iel.unicamp.br/dap/vanguarda/artigos.html>).

Conforme o trecho acima e os conhecimentos sobre a Semana de Arte Moderna de 1922 e o modernismo brasileiro subsequente, é correto afirmar:

$$E_m = E_c + E_p \quad \begin{matrix} g \rightarrow mhg \\ \text{elástico} \\ \frac{mx}{2} \end{matrix}$$

• A Semana de 1922 marcou o modernismo inspirado em vanguardas europeias, buscando uma nova arte com uma identidade brasileira experimental, miscigenada, antropofágica e cosmopolita. O movimento celebrava o progresso da nação, simbolizado pelo desenvolvimento da cidade de São Paulo.

b) A Semana foi o grande marco da arte moderna brasileira, caracterizando-se pela busca por uma imitação do surrealismo e do cubismo, realizada por acadêmicos em constante contato com os artistas europeus.

c) A Semana de 1922 somou-se ao regionalismo nordestino para mostrar as raízes da cultura brasileira, recusando qualquer interferência da arte estrangeira. Os modernistas fizeram, com isso, uma forte crítica à modernização e à alfabetização brasileira.

d) Monteiro Lobato e Mário de Andrade lideraram a Semana de 1922, que teve o intuito de aliar as produções mais recentes no campo da música, literatura e artes plásticas futuristas com as obras tradicionalistas da arte brasileira.

e) Os modernistas passaram a se organizar, depois da Semana de 1922, para efetivar uma arte revolucionária nos moldes do realismo soviético, pois acreditavam na conscientização da população para uma mudança no poder.

11. (UFPE) O Modernismo, iniciado no Brasil a partir da Semana de Arte Moderna de 1922, não apresenta, entre suas principais características:

- a) liberdade de expressão.
- b) anticonvencionalismo dos temas.
- valorização da vida rural.
- d) inovação na linguagem.
- e) incorporação da temática do cotidiano.



12. (IBMEC – RJ) A Semana de Arte Moderna foi um movimento definidor da concepção contemporânea de “cultura brasileira”, quando foram propostas pela primeira vez muitas das ideias ainda correntes sobre a relação do país com a tradição nacional e as influências estrangeiras. Neste ano de 2012, esse movimento completa 90 anos. Da Semana participaram jovens artistas como os escritores Oswald de Andrade, Anita Malfatti, Mario de Andrade e Manuel Bandeira, esses dois últimos autores dos poemas abaixo.

Texto I

VOU ME EMBORA

Mário de Andrade

(Fragmento)

Vou-me embora, vou-me embora
 Vou-me embora pra Belém
 Vou colher cravos e rosas
 Volto a semana que vem
 [...]
 Vou-me embora paz na terra
 Paz na terra repartida
 Uns têm terra, muita terra
 Outros nem pra uma dormida
 Não tenho onde cair morto
 Fiz gorar a inteligência
 Vou reentrar no meu povo
 Reprincipiar minha ciência
 [...]

Texto II

VOU-ME EMBORA PRA PASÁRGADA

Manuel Bandeira

(Fragmento)

Vou-me embora pra Pasárgada
 Lá sou amigo do rei
 Lá tenho a mulher que eu quero
 Na cama que escolherei
 Vou-me embora pra Pasárgada
 Vou-me embora pra Pasárgada
 Aqui não sou feliz
 [...]

Expressões e palavras assumem diferentes significados dependendo do contexto em que estão sendo utilizadas. A expressão “Vou-me embora” assume, nos textos I e II, os seguintes sentidos de busca, respectivamente:

- a) da independência financeira e da liberdade condicional
- da expressão nacionalista e do paraíso perdido
- c) do conhecimento da pátria e da independência financeira
- d) do conhecimento do povo e da liberdade de expressão linguística
- e) da felicidade e do conhecimento da cultura popular

13. (IFSP) A Semana de Arte Moderna de 1922 trouxe, como importante consequência para a sociedade,

- a) o desprezo pelos movimentos de vanguarda, a exemplo do Cubismo e do Expressionismo, pois os ideais propostos não correspondiam à realidade brasileira.
- b) a preferência por temas ligados a fatos históricos consagrados, narrados de forma idealizada e em total obediência às exigências da língua padrão.
- c) o estabelecimento de regras rígidas e definidas para a criação poética e para a narrativa, agrupando, dessa forma, as diferentes correntes artísticas daquele momento.
- d) a percepção de que os modelos artísticos europeus deveriam ser substituídos pelos dos EUA, já que esse país despontava como nação líder.
- e) a conscientização dos brasileiros sobre a riquíssima cultura de nosso país, sobretudo a popular, que até então era discriminada pelas elites.

14. A Semana de Arte Moderna, que aconteceu em 1922 em São Paulo, refletiu os interesses de quais grupos sociais?

15. (ENEM) Sobre a exposição de Anita Malfatti, em 1917, que muito influenciaria a Semana de Arte Moderna, Monteiro Lobato escreveu, em artigo intitulado Paranoia ou Mistificação:

Há duas espécies de artistas. Uma composta dos que veem as coisas e em consequência fazem arte pura, guardados os eternos ritmos da vida, e adolados, para a concretização das emoções estéticas, os processos clássicos dos grandes mestres. [...] A outra espécie é formada dos que veem anormalmente a natureza e a interpretam à luz das teorias efêmeras, sob a sugestão estrábica das escolas rebeldes, surgidas cá e lá como furúnculos da cultura excessiva. [...] Estas considerações são provocadas pela exposição da sra. Malfatti, onde se notam acentuadíssimas tendências para uma atitude estética forçada no sentido das extravagâncias de Picasso & cia.

O Diário de São Paulo, dez./1917

Em qual das obras a seguir identifica-se o estilo de Anita Malfatti criticado por Monteiro Lobato no artigo?



Acesso a Monte Serrat - Santos



Vaso de Flores



Santa Ceia



Nossa Senhora Auxiliadora e Dom Bosco



A Boba





Língua Inglês

Volume 9

